Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sónia Cristina Pereira Pires de Sousa

Educação de Adultos: intervenção com Ajudantes de Ação Educativa

outubro de 2017

Sónia Cristina Pereira Pires de Sousa **Educação de Adultos: intervenção com Ajudantes de Ação Educativa**

UMinho | 2017

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Sónia Cristina Pereira Pires de Sousa

Educação de Adultos: intervenção com Ajudantes de Ação Educativa

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação
Área de Especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Trabalho realizado sob a orientação da
Professora Doutora Maria da Conceição Antunes

outubro de 2017

Declaração

Nome: Sónia Cristina Pereira Pires de Sousa

Endereço Eletrónico: sonavejo@hotmail.com

Cartão de Cidadão: 11859347

Título do relatório: Educação de Adultos: intervenção com Ajudantes de Ação Educativa

Orientadora: Professora Doutora Maria da Conceição Antunes

Ano de Conclusão: 2017

Designação do Curso: Mestrado em Educação, Área de Especialização em Educação e Adultos e Intervenção Comunitária

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTE RELATÓRIO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE A DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, _____/_____/ 2017

Assinatura:_____

Agradecimentos

Chega agora o momento por que tanto ansiava. Sendo esta uma das primeiras páginas do relatório, foi a última a ser escrita.

Inicio por agradecer à minha família que tanto me apoiou para chegar onde cheguei, principalmente à minha mãe pela preciosa ajuda nos cuidados com os meus filhos e com a minha casa. Agradeço também ao meu pai pelo apoio e incentivo que me foi demonstrando.

Um agradecimento à Direção da minha Instituição pela compreensão, tendo-me deixado progredir nos estudos sem me criar barreiras e mostrando-se sempre disponível a ajudar.

Às Ajudantes de Ação Educativa pela oportunidade, pelo apoio, pela disponibilidade, pelo carinho que foi demonstrado ao logo de todo o projeto, sem elas o meu projeto não teria sido alcançado.

Às educadoras de Infância que sempre se demonstraram disponíveis para ajudar.

Um agradecimento especial à minha orientadora Professora Doutora Conceição Antunes pelo apoio, paciência e disponibilidade.

À Elsa um profundo agradecimento por toda a ajuda prestada ao longo de todo o meu percurso, a dedicação que tens para comigo jamais te conseguirei retribuir.

Por último, quero agradecer às três pessoas mais importantes da minha vida...

o meu filho Josué pela compreensão que sempre teve, pelo apoio incondicional que me foi dando, sei que perdi parte da sua infância e peço-lhe desculpas por isso.

à minha filha Isa que iniciou o meu percurso académico dentro de mim, passando os primeiros anos da sua vida com a minha ausência em vários momentos, quando nestes últimos anos, tristonha, me perguntava se ia para a universidade. Pelas horas passadas nos livros e ao computador e quando do quarto me dizias "mãe, bom trabalho", sempre com alegria, obrigado, filha.

ao meu marido, pela demonstração constante de paciência, carinho, amor, sempre foste o meu apoio incondicional, sem dúvida, o grande suporte para eu chegar aqui.
Por tudo lhe dedico com muito amor este trabalho!

Um obrigado sincero a todos.

EDUCAÇÃO DE ADULTOS: INTERVENÇÃO COM AJUDANTES DE AÇÃO EDUCATIVA

Sónia Cristina Pereira Pires de Sousa

Relatório de Estágio

Mestrado em Educação – Educação de Adultos e Intervenção Comunitária

Universidade do Minho

2017

Resumo

O projeto *"Educação de Adultos: Intervenção com Ajudantes de Ação Educativa"* visou ser uma aposta na educação de adultos, com o objetivo de proporcionar sessões de formação para profissionais com a categoria de Ajudantes de Ação Educativa (AAE).

O estágio realizou-se num Centro Social e Paroquial, designado como uma IPSS com duas valências, Creche e Pré-escolar, participaram neste projeto 10 funcionárias com a categoria profissional de Ajudantes de Ação Educativa.

Este trabalho resulta de uma preocupação pelas competências que esta profissão exige, assim sendo, o projeto procurou promover as competências das AAE que esta Instituição emprega com o intuito de melhorar a qualidade educativa nesta Instituição.

As sessões de formação focaram-se nas tarefas diárias que estas profissionais realizam com as crianças, sensibilizando para a importância e o impacto que esta profissão tem no desenvolvimento das mesmas.

Assim sendo, o projeto foi orientado por uma investigação qualitativa, tendo por base a investigação-ação, foi desenvolvido através de sessões de formação dinamizadas em círculo de estudos, onde as intervenientes foram participantes ativas, no sentido de alcançar uma melhoria das competências exigidas nesta profissão.

De salientar que as sessões geraram grandes momentos de reflexão crítica, originando troca de conhecimento. As sessões tiveram um impacto positivo, auxiliando estas profissionais no seu desempenho com as crianças. De uma maneira geral, esta intervenção produziu ganhos em toda a Instituição.

Palavras-chave: educação de adultos, formação de adultos, ajudantes da ação educativa.

ADULT EDUCACION: INTEVENTION WITH EDUCACIONAL ACTION HERPERS

Sónia Cristina Pereira Pires de Sousa
Professional Pratice Report
Master in Education – Adult Education and Community Intervention
University of Minho
2017

Abstract

The project *"Adult Education: Intervention with Educational Action Helpers"* aimed to focus on adult education, with the purpose of providing training sessions for professionals in the Educational Action Helpers category (AAE).

The internship took place in a Parish Social Center, designated as an IPSS with two valances, daycare and preschool, and in this project attended 10 employees in the Educational Action Helpers professional category.

This work is the result of a concern for the skills that this profession requires, and therefore, the project sought to promote the skills of the *AAE* that work in the Center, in order to improve the educational quality in the institution.

The training sessions focused on the everyday tasks that these professionals conduct with children, raising awareness of the importance and the impact that this profession has in the children's development.

Therefore, the project was guided by a qualitative research, based on the research-action method, was developed through training sessions, held in study groups where the participants were active participants, in order to achieve an improvement of the skills required in this profession.

It should be noted that the sessions have generated great moments of critical reflection, resulting in knowledge exchange. The sessions had a positive impact, helping these professionals in their performance with the children. In general, this intervention produced overall gains throughout the institution.

Keywords: adult education, adult training, educational action helpers.

Índice

Declaração ii

Agradecimentos iii

Resumo v

Abstract vii

Introdução 15

Capítulo I 17

Enquadramento contextual do estágio 17

1.1 – Caracterização da Instituição 17

1.1.1.- Caracterização do público-alvo 18

1.2 - Apresentação da área de intervenção/investigação. Identificação e justificação 21

1.3 Diagnóstico de necessidades, motivações e expetativas 22

1.4- Apresentação da finalidade e objetivos do projeto 27

Capítulo II 31

Enquadramento Teórico 31

2.1. Educação e Formação 31

2.1.1 – Conceitos 31

2.1.2- Educação de Adultos em Portugal 35

2.2. Os profissionais Ajudantes de Ação Educativa 38

2.2.1- AAE a nível legislativo 38

2.2.2. A importância da formação destes profissionais 39

Capítulo III 41

Enquadramento Metodológico do Estágio 41

3.1. Paradigma 41

3.2. Métodos e técnicas de educação/formação e de avaliação 41

3.2.1- Método 41

3.2.2 – Técnicas 42

3.2.2.1 -Análise documental: 42

3.2.2.2 -Conversas informais: 42

3.2.2.3 - Inquérito por questionário: 43

3.2.2.4 - Observação: 43
3.2.3 Técnicas de intervenção 44
3.3 Identificação dos recursos mobilizados e das limitações do processo. 45
Capítulo IV **47**
Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/investigação **47**
4. Apresentação do trabalho de intervenção/investigação 47
4.1. Apresentação das atividades desenvolvidas 48
4.1.1 – 1ª Formação: Rotinas das crianças 50
4.1.2 – 2ª Formação: Rotinas das crianças 53
4.1.3 – 3ª Formação: Entrega e receção das crianças 55
4.1.4 – 4ª Formação: Auxílio da alimentação da criança 56
4.1.5 – 5ª Formação: Higiene à criança 58
4.1.6 – 6ª Formação: Vigilância durante o descanso 60
4.1.7 – 7ª Formação: Preparação de catres/berço. O tempo exterior. 61
4.2. Avaliação 63
4.2.1. Resultados da avaliação Final 64
4.2.2 Resultados da avaliação às Educadoras de Infância 71
4.3 – Discussão de resultados 75
Capítulo V **81**
Considerações Finais **81**
5.1 Análise crítica dos resultados e das implicações dos mesmos 81
5.2 Evidenciação do impacto do estágio a nível pessoal, institucional e de conhecimento na área de especialização. 82
BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA **85**
Bibliografia referenciada 85
Webgrafia referenciada 88
APÊNDICES **89**

Índice dos gráficos

Gráfico 1: Sexo das participantes.....18

Gráfico 2: Meio em que vive.....19

Gráfico 3: Com quem vivem as participantes.....19

Gráfico 4: Habilitações das participantes.....20

Gráfico 5: Experiências profissionais dos participantes 20

Gráfico 6: Com que frequência costuma frequentar ações de formação? 23

Gráfico 7: O CSPSMS já lhe proporcionou ações de formação?.....24

Gráfico 8: Tem interesse em frequentar ações de formação?.....24

Gráfico 9: Quais os possíveis motivos que levarão a frequentar ações de formação?.....25

Gráfico 10: Dentro das tarefas que desempenha na sua profissão quais as formações pretendidas?.....26

Gráfico 11: Qual a sua disponibilidade preferencial para frequentar a Formação Profissional?.....27

Índice dos quadros

Quadro 1: Planificação das formações 47

Quadro 2: Questões aplicadas no inquérito por questionário da avaliação contínua 53

Índice dos apêndices

Apêndice 1: Inquérito por questionário da avaliação diagnóstica.....90

Apêndice 2: Inquérito por questionário da avaliação continua (exemplo).....93

Apêndice 3 : Apresentação dos resultados do inquérito por questionário da avaliação contínua.....94

Apêndice 4 : Inquérito por questionário da avaliação final.....97

Apêndice 5 : Inquérito por questionário às educadoras de infância.....99

Introdução

"A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem"

Paulo Freire

O projeto foi realizado no âmbito do estágio para a conclusão do Mestrado em Educação, Área de especialização em Educação de Adultos e Intervenção Comunitária. O trabalho realizado foi desenvolvido num Centro Social e Paroquial designado como uma IPSS com duas valências: Creche e Pré-escolar.

Sendo cada vez mais importante investir na educação de adultos e, visto que as AAE têm responsabilidades acrescidas na educação das crianças, apostamos na formação destas profissionais.

No primeiro capítulo apresenta-se o enquadramento contextual do estágio, onde se referencia a Instituição em causa, bem como a caracterização do público-alvo.

No seguimento do primeiro capítulo, evidencia-se a apresentação da área/problemática de intervenção/investigação, identificando-a e justificando-a. Num outro ponto, referencia-se o diagnóstico de necessidades, motivações e expectativas, finalizando este capítulo com a finalidade e os objetivos deste projeto.

O segundo capítulo apresenta o enquadramento teórico da problemática do estágio, onde se evidenciam os conceitos chave, faz-se um breve enquadramento à educação de adultos em Portugal, evidenciando correntes teóricas de vários autores de referência sobre estes temas, que tanto ajudaram no decorrer deste projeto. Noutro ponto, faz-se referência a nível legislativo sobre a função das Ajudantes de Ação Educativa, bem como perceber a importância que estes profissionais têm na sociedade.

No seguimento do projeto, vem o capítulo III, com o enquadramento metodológico do estágio, iniciando por demonstrar o paradigma utilizado, o modelo de formação aplicado, assim como os métodos e técnicas de investigação e intervenção.

O último ponto deste capítulo identifica os recursos mobilizados assim como as limitações encontradas ao longo do estágio.

O capítulo imediato foca a apresentação e discussão do processo de intervenção/investigação, iniciando com a apresentação das atividades desenvolvidas, fazendo referência à avaliação contínua de cada sessão. No tópico seguinte, evidenciam-se os resultados

obtidos com ajuda dos meios de avaliação usados, fazendo referência a outras investigações sobre o tema. Este capítulo termina com a discussão desses mesmos resultados em articulação com os referenciais teóricos mobilizados.

Para finalizar o quinto e último capítulo, faz referência ao impacto que este projeto teve quer a nível pessoal, institucional e de conhecimento na área de especialização.

Capítulo I

Enquadramento contextual do estágio

1.1 – Caracterização da Instituição

O presente projeto decorreu numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS).

A Instituição nasceu de raiz no Salão Paroquial, inicia o seu percurso no apoio à infância no ano letivo 1999/2000 com abertura da Creche, mais tarde abre o Pré-escolar em 2008/2009 onde vai mantendo duas valências até à data, tendo projetado já para o futuro abertura de Centro de Dia e Apoio ao Domicílio já com todos os pareceres favoráveis. Está registada como Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS).

A Instituição é composta por um Salão Paroquial (onde irá nascer o Centro de Dia e Apoio ao Domicílio) e dois edifícios diferenciados, a Creche e o Pré-escolar.

O Centro tem em média 110 crianças, sendo composto por uma equipa de 19 profissionais constituída da seguinte forma: uma Diretora Técnica, cinco Educadoras de Infância, dez Ajudantes de Ação Educativa, uma Cozinheira, uma Ajudante de cozinha e uma Auxiliar de Serviços Gerais. A Direção é assumida por cinco elementos voluntários que tem como Presidente o Pároco da Freguesia.

A Instituição tem como objetivo investir no desenvolvimento comunitário através da prestação de serviços à família e aos cidadãos no domínio da educação de infância e apoio aos idosos, deseja ser no futuro uma Instituição Modelo, com qualidade e impacto na sociedade.

Os serviços de proximidade, o trabalho em equipa, as parcerias, a gestão correta dos mesmos, a defesa dos valores cristãos, a procura de bem-estar e de maiores níveis de qualidade de vida das populações serão metas que se pretendem alcançar.

Assim como:

"- Assumirmo-nos e distinguirmo-nos como organização de referência a nível local e regional através de respostas sociais ajustadas às necessidades e exigências da população que servimos.

- Contribuir para o bem-estar material e espiritual da comunidade envolvente.

- Promover e valorizar os recursos locais, relevando a importância do património e do ambiente." (documento interno da Instituição)

A missão da Instituição passa por promover o desenvolvimento comunitário através da prestação de serviços de elevada qualidade à família e aos cidadãos no domínio da educação de infância; valorizar e rentabilizar os recursos locais como fatores de mais-valia para a comunidade envolvente.

De salientar a frase que está exposta na entrada, a qual os define: "Queremos servir a comunidade e crescer com os seus filhos."

1.1.1.- Caracterização do público-alvo

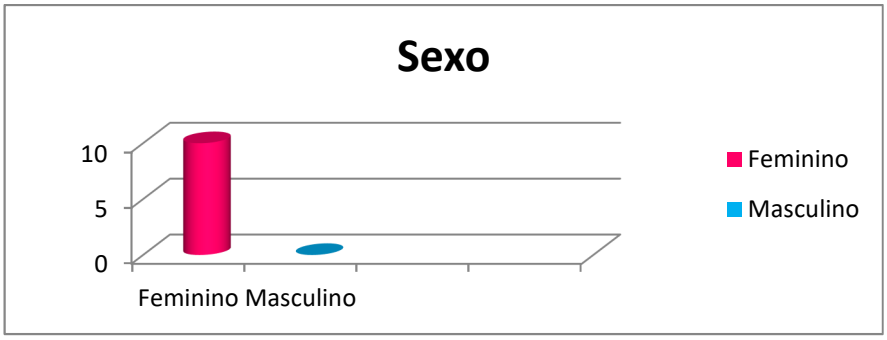
O projeto tem como público-alvo dez funcionárias de um Centro Social e Paroquial com a categoria de Ajudantes de Ação Educativa (AAE).

Para conhecer melhor o público-alvo, foram utilizadas algumas técnicas de recolha de dados para tentar perceber quais as suas necessidades, interesses e expetativas. As estratégias utilizadas foram: conversas informais, observação e aplicação de um pequeno inquérito.

A caracterização do público-alvo é importante, pois a partir daqui consegue-se ajustar o trabalho pretendido à realidade existente. O conhecimento da população que se vai trabalhar não se pode descurar pelo facto da necessidade de adaptação aos métodos de trabalho. Um dos fatores que condicionam o sucesso do projeto passa pela empregabilidade das técnicas utilizadas, se vão ou não ao encontro dos (as) intervenientes.

Com os resultados do inquérito, consegue-se ter informação que nos leva a ter um conhecimento prévio do público. Para melhor perceção dos resultados, fez-se a representação em gráficos com a respetiva leitura que se segue:

Gráfico 1: Sexo das participantes

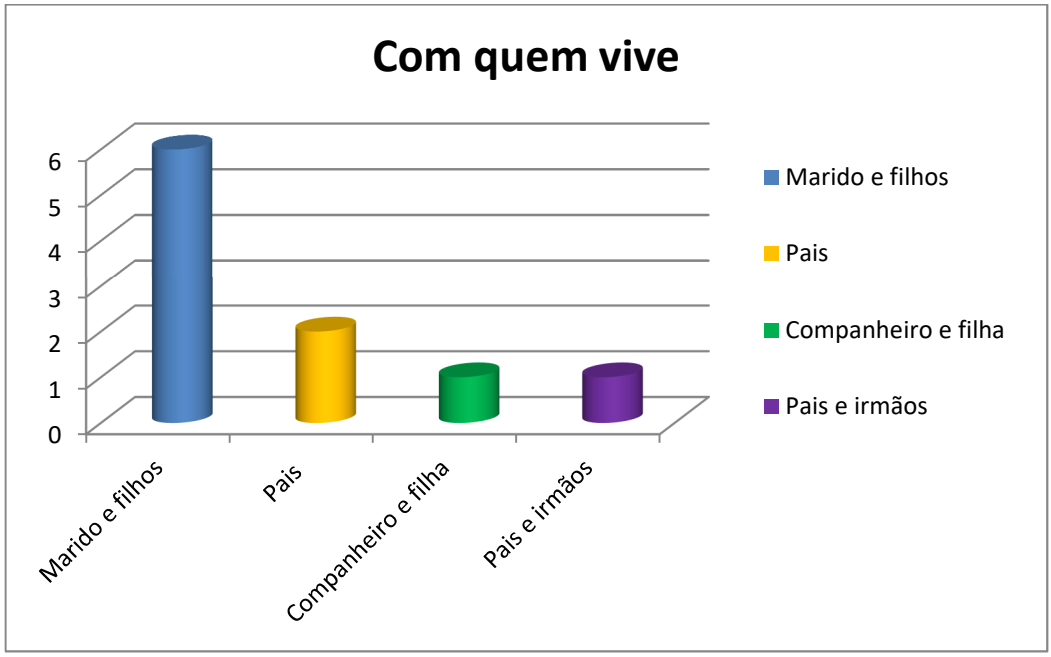


O gráfico 1 menciona que o público-alvo é constituído por 10 funcionárias todas do sexo feminino.

Gráfico 2: Meio em que vive

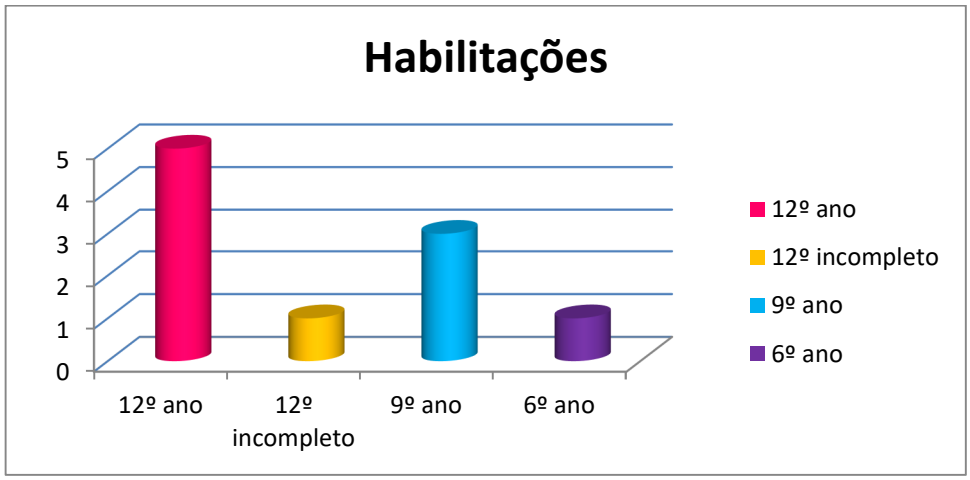
A leitura do gráfico 2 demonstra claramente que as 10 funcionárias vivem todas no meio rural, não existe nenhuma entre elas a viver no meio urbano.

Gráfico 3: Com quem vivem as participantes



O gráfico 3 demonstra que 6 funcionárias vivem com os maridos e filhos (as), 2 vivem com os pais, uma vive com o companheiro e filha e outra com os pais e irmãos.

Gráfico 4: Habilitações das participantes



A leitura do gráfico 4 indica que temos 5 funcionárias com o 12° ano, 1 funcionária com 12° ano incompleto, 3 funcionárias com 9° ano e 1 funcionária com o 6° ano.

Gráfico 5: Experiências profissionais dos participantes

A análise dos resultados do gráfico 5 transmite que todas têm experiência na sua área, apenas 3 não tem qualquer tipo de experiências fora do seu ramo, 6 tiveram outra experiência diferenciada que corresponde a embaladora, empregada têxtil, empregada de armazém,

fiandeira, rececionista e baby-sitter. Apenas uma teve mais do que uma experiência profissional desde cabeleireira, ajudante de lar e ajudante de cozinha.

1.2 - Apresentação da área de intervenção/investigação. Identificação e justificação

Este projeto, como já evidenciado anteriormente, foca a educação de adultos com a intenção de tornar adultos mais críticos, reflexivos, capazes, conhecedores, libertadores, seguros, etc.

Vivemos numa era em que o conhecimento está constantemente desatualizado, sendo importante hoje, mais do que nunca, investir na educação dos nossos adultos por vezes esquecidos dentro de uma sociedade dominante.

É importante chamar os adultos à razão dando-lhes ferramentas para eles próprios conseguirem ter voz num mundo cada vez mais competitivo. Não se podem cingir aos conhecimentos que foram depositados ao longo das suas vidas, por vezes de uma forma persuasiva com algum intuito. "A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres «vazios» a quem o mundo «encha» de conteúdos." (Freire, 1975 p. 95).

A verdadeira educação de adultos vai ao encontro de libertar o adulto, capaz de saber estar num mundo onde o compreende e consegue ter voz, tomando a sua vida em função da sua própria vontade, e não por escolhas que lhes são impostas porque por vezes não são conhecedores das realidades.

Apostar numa educação contínua é cada vez mais necessário, sensibilizar as sociedades que, enquanto seres humanos, a nossa aprendizagem acontece desde o primeiro dia de vida até ao último, é vital para o desenvolvimento da humanidade.

> A educação é permanente na razão, de um lado, da finitude do ser humano, de outro, a consciência que ele tem de sua finitude. Mais ainda, pelo facto de, ao longo da história, ter incorporado à sua natureza não apenas *saber que vivia* mas *saber que sabia* e, assim, saber que podia saber mais. A educação e a formação permanente se fundam aí. (Freire, 1997, p. 20)

A educação de adultos vem numa perspetiva de mudar uma sociedade, melhorando essa mesma sociedade. "A educação de adultos não é uma disciplina... corresponde a movimentos sociais, a uma vontade de mudar a sociedade, de que são exemplos a

alfabetização, a inclusão de adultos na sociedade, a formação, a mudanças social..." (Finger, 2008, p.16) Só existe educação dentro de uma sociedade, como cita Freire (n.d.) "não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio (p. 35)."

Como refere Barros (2013) a educação de adultos é um processo ativo de emancipação individual e coletiva, um modo de expressão e de desenvolvimento individual e coletivo.

Investir na educação dos adultos vai no seguimento de contribui para a construção de um mundo melhor, deixando de serem consumidos pelas classes dominantes. Pois "do ponto de vista das elites, a questão se apresenta de modo claro: trata-se de acomodar as classes populares emergentes, domesticá-las em algum esquema de poder ao gosto das classes dominantes." (Weffort, n.d., p.17)

A realidade de sermos dominados tem que ser extinta, "quando alguém diz que a educação é a firmação da liberdade e toma as palavras a sério – isto é, quando as toma por sua significação real – se obriga, neste momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação." (Weffort, n.d., p.7)

Este trabalho enquadra-se numa aposta na educação de adultos integrada no mestrado de educação de adultos e intervenção comunitária.

1.3 Diagnóstico de necessidades, motivações e expetativas

Durante a fase de diagnóstico de necessidades, mediante os resultados obtidos, foi possível traçar um projeto que fosse ao encontro das expectativas demonstradas pelo público-alvo.

Esta fase é importante num projeto pois é aqui que temos indicação de quais as lacunas, interesses e potencialidades existentes a nível de formação do público-alvo.

Como refere Leatherman

> ...avaliação de necessidades de formação identifica problemas numa organização, utilizando métodos de recolha de informação apropriados (inquérito, entrevista, observação...), determina quais os problemas que requerem uma solução de formação e usa a informação para desenhar as intervenções formativas para resolver os problemas originais. (Leatherman, 2007, citado por Silva, 2012)

É a partir da informação que conseguimos obter nesta fase que começamos a traçar um plano de ação. Existem várias técnicas de recolha de dados que foram utilizadas para conseguirmos fazer o diagnóstico de necessidades. Aqui foram aplicadas algumas delas para

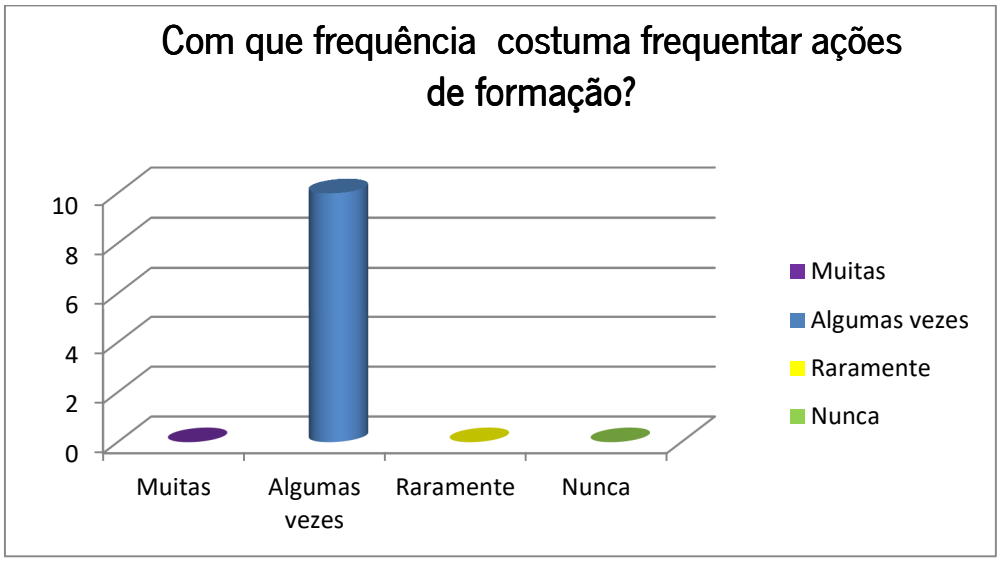
que o projeto fosse ao encontro da realidade institucional. Interveio-se diretamente no dia-a-dia do contexto da atividade profissional das AAE, passando por se fazer observação direta em todas as salas. Os meses de novembro e dezembro basearam-se em observação e conversas informais no terreno tendo-se registado o que era feito em cada momento com a criança, as suas tarefas e rotinas tendo-se tentado sempre perceber as lacunas existentes.

A observação no terreno foi uma constante em todo o projeto, após passar os primeiros meses no terreno, voltava-se sempre a fazer observação antes de qualquer sessão para vivenciar melhor o que ia ser discutido, pois existem sempre pormenores que escapam.

Com a ajuda de um pequeno questionário e das técnicas utilizadas, foi possível obter as informações necessárias para a construção de um conjunto de ações de formação.

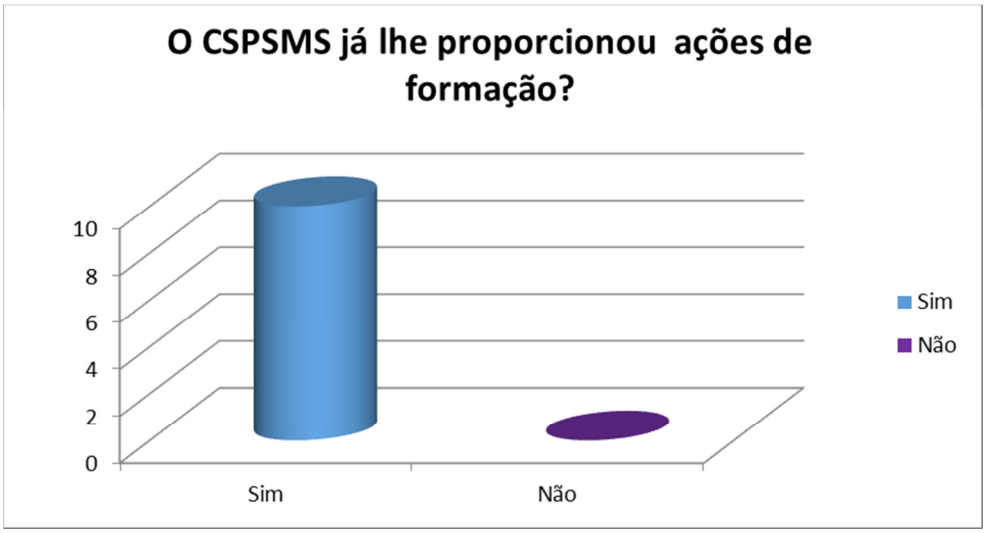
Após análise dos questionários, conseguiu-se perceber melhor as necessidades de formação existentes. Para uma melhor perceção desses mesmos resultados, desenhou-se uma série de gráficos com as respetivas leituras que agora se seguem:

Gráfico: 6 Com que frequência costuma frequentar ações de formação?



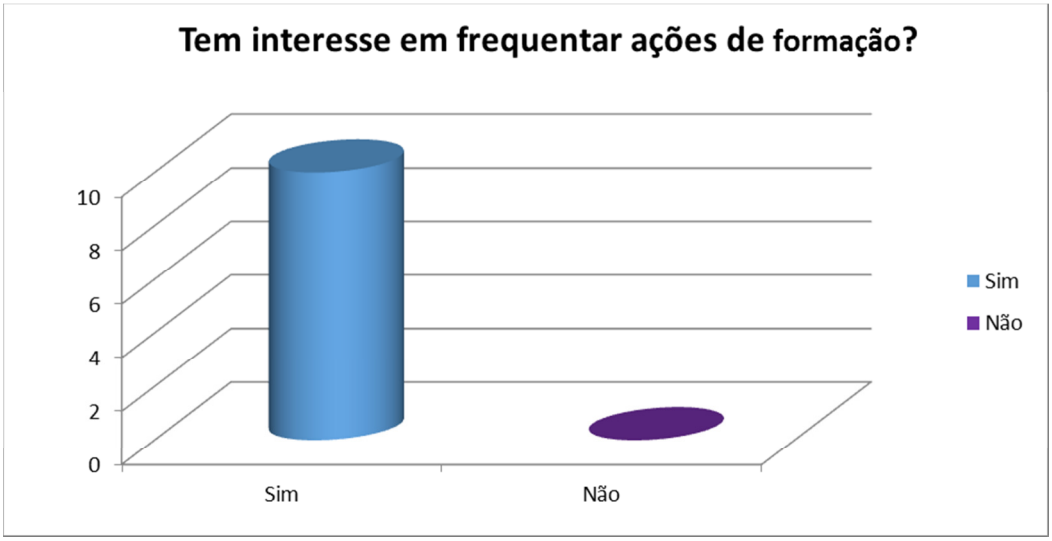
Pela análise dos resultados do gráfico 6, verificamos que todas as funcionárias já frequentaram ações de formação.

Gráfico: 7 O CSPSMS já lhe proporcionou ações de formação?



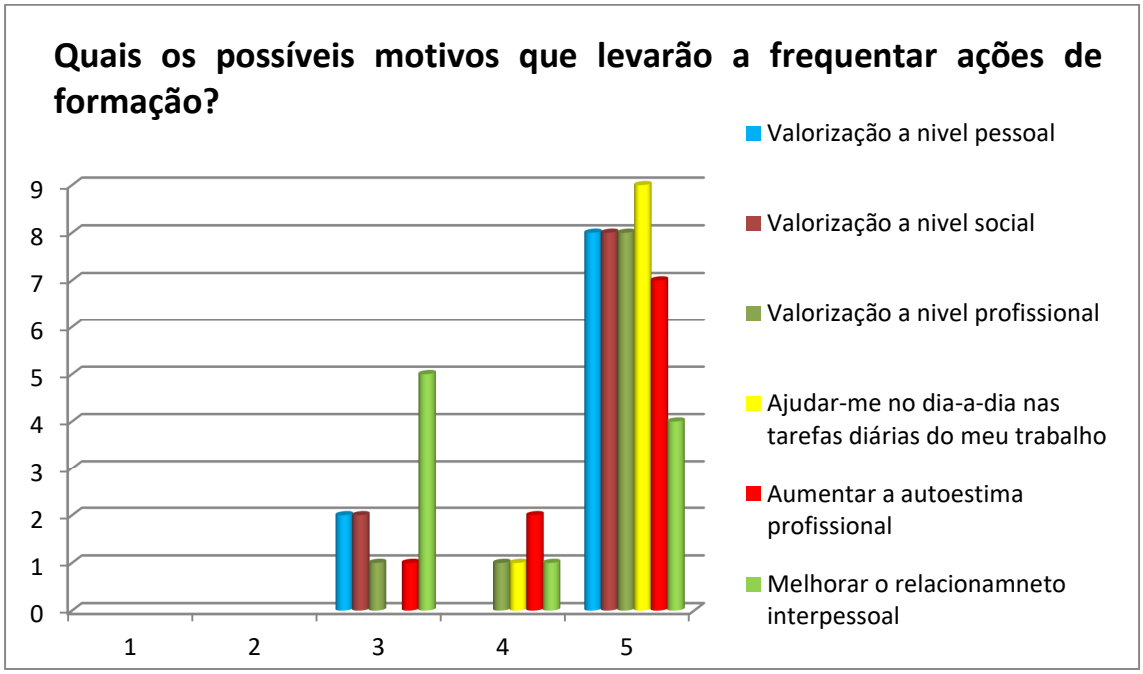
A leitura do gráfico 7 demostra que a Instituição tem promovido ações de formação às suas funcionárias.

Gráfico: 8 Tem interesse em frequentar ações de formação?



Os resultados obtidos no gráfico 8 evidenciam que todas as funcionárias demonstram interesse positivo pela participação em ações de formação.

Gráfico: 9 Quais os possíveis motivos que levarão a frequentar ações de formação?



A leitura do gráfico 9 revela que o motivo mais assinalado foi: ajudar-me no dia-a-dia das tarefas tendo nove AAE dando a resposta com a maior importância (sendo o 1 menos importante e o 5 o mais importante) e uma tendo dado a importância 4.

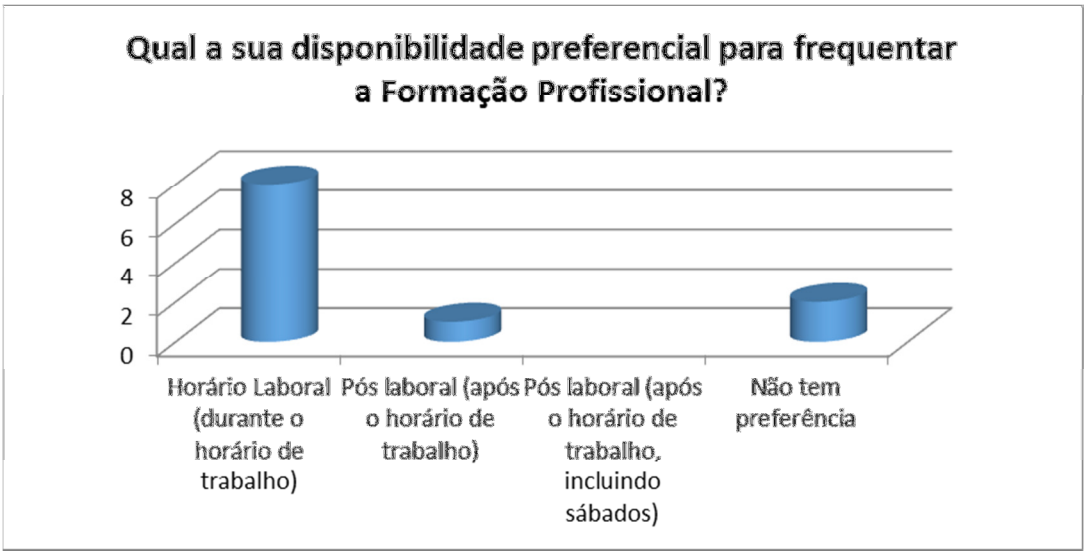
Logo a seguir, vem a valorização a nível pessoal, social e profissional que tiveram uma pontuação parecida, com oito participantes a evidenciar a importância máxima nas três valorizações, tendo apenas duas AAE respondido entre a importância 3 e 4.

No seguimento, vem o aumento da auto estima profissional com sete respostas na pontuação máxima, duas na importância 4 e uma na 3. Por último, temos melhorar o relacionamento interpessoal com cinco respostas no nível de importância 3, quatro respostas na importância máxima, uma na pontuação 4.

Gráfico: 10 Dentro das tarefas que desempenha na sua profissão quais as formações pretendidas?

O gráfico 10 diz-nos que as tarefas nas quais preferem ter formação recaíram na vigilância nas rotinas das crianças tendo nove participantes optado por esta temática, em segundo plano, a entrega e receção da criança com oito respostas a favor, em igual número de respostas temos a alimentação das crianças, em terceiro, a higiene e vigilância durante o descanso com seis respostas, logo de seguida, o transporte coletivo e a vigilância no recreio com apenas uma resposta e, por último, sem nenhuma resposta, a preparação de catres e a higienização dos brinquedos. Obtivemos uma sugestão por parte de uma AAE que mencionou interesse por se falar na vigilância no recreio.

Gráfico: 11 Qual a sua disponibilidade preferencial para frequentar a Formação Profissional?



A leitura do gráfico 11 que aqui se faz indica que a maioria tem preferência pelas formações no horário laboral, as outras opções foram pouco evidenciadas.

1.4- Apresentação da finalidade e objetivos do projeto

Para conseguir chegar aos objetivos e finalidade do projeto foi necessário fazer um levantamento de necessidades, onde as participantes foram ouvidas e a partir daí se construiu um dispositivo de formações com uma finalidade e objetivos.

"Na escolha dos temas a tratar é fundamental ouvir atentamente os formandos de forma a conhecer os seus problemas, conversar com eles sobre esses problemas e, conjuntamente, formador e formandos, delinear formas de agir que conduzam à sua resolução." (Quintas, 2008, p. 85)

Foi dada aos participantes a oportunidade de escolher os temas a serem abordados e de verificarem em quais não tinham tanta necessidade.

De salientar, que foi tomada em consideração no levantamento de necessidades as experiências que estes profissionais já trazem consigo e todo o seu conhecimento:

> valorização dos conhecimentos prévios dos formandos acerca do que vai ser o objecto de estudo; o tratamento do tema escolhido deverá partir do que os formandos já sabem e ajudá-los a conhecer mais. De facto, os adultos aprendem nos contextos concretos das suas experiências de vida e estas experiências devem ser, simultaneamente, um recurso e um meio para a sua aprendizagem. (Quintas, 2008, p. 85)

Os objetivos vão dar-nos uma imagem da realidade que se quer transformar, é a partir deles que vamos ao encontro de concretizar a nossa finalidade.

Dentro dos objetivos, encontramos os objetivos gerais e os objetivos específicos. Os objetivos gerais são mais abrangentes, mencionando as grandes linhas de ação, objetivos específicos clarificam os benefícios da ação, são as metas que temos que atingir para conseguirmos alcançar com sucesso o objetivo geral.

A finalidade do projeto vai ao encontro de identificar para onde queremos ir, serve como uma linha orientadora. É através da finalidade que conseguimos demonstrar o nosso principal objetivo com o projeto, para que vai servir, como, para quem, é aqui que cativamos o público a aderir ao projeto. A finalidade tem que ser clara e objetiva e de fácil perceção. A finalidade ajuda a alcançar uma imagem que queremos no futuro, com a finalidade, conseguimos responder qual o ganho que iremos alcançar com o projeto. A finalidade vai fundamentar a nossa ação sendo que neste projeto a finalidade é a promoção de competências profissionais do público-alvo.

De salientar que a postura do(a) formador(a) tem como principal objetivo ser "claramente o de um facilitador de processos de formação e de aprendizagem." (Quintas, 2008, p. 86)

Tendo em consideração o pressuposto de que o(a) formador(a) "deverá focar-se quase exclusivamente no grupo em formação e na dinâmica do processo, deverá ser neutro e não exercer capacidades de decisão e só deverá intervir com o objectivo de ajudar o grupo a melhorar a forma como identifica e resolve problemas." (Quintas, 2008, p. 86)

O(a) formador(a) deve ter sempre em atenção o facto de proporcionar a participação do grupo, criando um ambiente propício para que o adulto sinta vontade de participar. Deve ter sempre presente que o sucesso da formação depende muito do método que o formador(a) vai seguir.

Objetivo Geral:

- Desenvolver competências a nível pessoal, social e profissional;
- Implementar metodologias de trabalho que promovam a autonomia, o espírito crítico e a abertura à inovação e à mudança.

Objetivos específicos:

- Partilhar conhecimentos e saberes;
- Promover o relacionamento interpessoal;
- Organizar tarefas;
- Rentabilizar os recursos existentes na Instituição;
- Ajudar a criar hábitos que facilitem e melhorem as tarefas diárias;
- Promover momentos de reflexão de partilha de conhecimentos e interajuda.

Capítulo II

Enquadramento Teórico

2.1. Educação e Formação

2.1.1 – Conceitos

Nunca se falou tanto em educação e formação como hoje, o mundo transforma-se a cada segundo que passa, tem-se evoluído tanto neste últimos anos que para acompanhar estas mudanças é emergente intervir, sendo necessário apostar na educação e formação. É preciso ver a educação e a formação segundo outros prismas e arranjar estratégias que convidem as pessoas a quererem adaptar-se a estas mudanças de forma correta. A ideia de que a formação inicial que cada um adquiriu chega, está completamente ultrapassada, é necessário ter a perceção que hoje em dia isso não basta e é imprescindível apostar numa formação contínua. Como referem Almeida, Mota, & Monteiro (2001) "...saberes e competências adquiridos na formação inicial não são mais suficientes para enfrentar as novas exigências da sociedade em mudança, tornou-se evidente a necessidade que tem mobilizado a implementação de mecanismos de uma "formação permanente"" (p. 20).

Está comprovado que apostar na Educação de Adultos (EA) é o caminho a seguir, o problema é que na nossa sociedade a EA ainda tem um caminho árduo pela frente.

Quando falamos em EA este tema leva-nos para vários campos e por si só, arranjar a definição perfeita para Educação de Adultos é complexo devido ao seu carácter polissémico.

De inúmeras definições existentes de vários autores, optamos pela que foi referenciada na XIX Conferência Geral da UNESCO, realizada em 1976, Nairobi:

> A expressão educação de adultos designa a totalidade dos processos organizados de educação, qualquer que seja o conteúdo, o nível ou o método, quer sejam formais ou não formais, quer prologuem ou substituam a educação inicial ministrada nas escolas e nas universidades, e sob a forma de aprendizagem profissional, graças aos quais as pessoas consideradas como adultos pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas aptidões, enriquecem os seus conhecimentos, melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou lhes dão uma nova orientação, e fazem evoluir as suas atitudes ou o seu comportamento na dupla perspetiva de um desenvolvimento integral do homem e de uma participação no

> desenvolvimento social, económico, cultural equilibrado e independente. (UNESCO, 1997)

Como se pode verificar pela definição aqui transcrita, a EA transcende a educação escolarizada e a formação profissional como se tem vindo a assistir. A EA vai mais além disso, engloba aspetos importantes que estão a ser negligenciados o que provoca que a EA não avance com o sucesso devido. Temos que pensar na EA como um todo, apostar em soluções que façam com que os adultos voltem a empenhar-se na sua educação de maneira a existir um crescimento holístico do ser humano.

Educação e formação são conceitos interligados havendo autores que os designam como sinónimos, mas será mesmo assim? " Educação e/ou Formação são dois conceitos que se articulam e são muitas vezes considerados sinónimos, ainda que possam suscitar questões de dualidade." (Inácio & Salema, 2011, p. 167)

Efetivamente, encontramos autores que apresentam os conceitos como sinónimos utilizando muito o termo processo de educação/formação. No entanto, há autores que estabelecem diferenças.

Como veremos, eles não são a mesma coisa, mas os dois complementam-se.

> A educação inclui vontade e ação, enquanto a formação reduz-se ao âmbito do conhecimento. Esta relaciona-se com processos instrutivos e pauta-se por critérios funcionais, sobretudo no que diz respeito à esfera laboral. A educação implica que as aprendizagens sejam conceptualizadas de forma própria e define como finalidade última o desenvolvimento integral do ser humano. (Barros, 2013, p. 44)

Como refere Canário (1999) ""educação de adultos" e "formação de adultos" está associada a duas grandes tradições que, de modo grosseiro, podemos designar como tradição da "alfabetização" e a tradição da "formação profissional" (p. 33)".

A formação de adultos é uma preocupação que se vem arrastando, mas esta tem-se direcionado apenas para a formação profissional, com vista a melhorar os recursos humanos das empresas com o objetivo final de obtenção de lucros. Como refere Pires (2005) educação e a formação são vistas como um meio de garantia da competitividade económica e do emprego.

Ter recursos humanos qualificados e preparados para as exigências da atualidade é de facto uma realidade que não se pode nem se deve descurar. Errado é ter uma visão da FA só

neste prisma, ela é mais abrangente e esta visão delimita muito a FA. Defini-la só na lógica do trabalho não, esta ideia tem que ser desmistificada.

Como se poderá comprovar com a definição de formação de adultos abaixo descrita, ela atinge outros aspetos importantes:

> formar implica a transmissão de conhecimentos, como a instrução, mas igualmente de valores e de saber ser, como a educação. Por um lado, formar contempla a relação do saber com a prática, com a vida. Formar é, portanto, menos específico que instruir, o que o aproxima de educar. Como a educação, a formação caracteriza-se por um aspecto global: trata-se de agir sobre a totalidade da personalidade Mas formar é mais ontológico que instruir ou educar: na formação, é o ser que está em jogo, na sua forma. Em síntese, formar parece caracterizar-se por uma tripla orientação: 1) transmitir conhecimentos como a instrução; 2) modelar a personalidade na sua globalidade; 3) integrar o saber com a prática, com a vida. (Fabre, 1995, citado por Silva, 2003, p.27)

Formação de Adultos é ou deveria ser responsável pela consciência do ser humano na sociedade, ajudando-o na sua construção, tornando as pessoas mais ativas na comunidade apostando na autonomia de cada indivíduo. A formação tem um papel primordial na ajuda aos cidadãos neste mundo digital, nestas explosões de desenvolvimento, portando cabe à FA auxiliar nesta nova forma de vida que se vem assistindo e que assusta, pois parece que estamos constantemente desatualizados. Como refere Honoré (1977) formação enquanto dimensão fundamental para a vida humana.

O que importa aqui é arranjar mecanismos que conduzam os adultos a terem interesse pela FA, não focar tanto a educação formal que eles abandonaram, mas sim construir uma dinâmica mais informal. Porque não, começar por dar valor às experiências de vida para que estas sejam reconhecidas. Dar voz aos adultos e verificar em que módulos querem ver os seus conhecimentos enriquecidos. Só assim é que se consegue evoluir, como é óbvio, ninguém quer voltar para um sistema que outrora foi abandonado por não corresponder às suas expectativas.

Quando o adulto procura formação por iniciativa própria, normalmente já tem um objetivo determinado, aqui se difere o adulto da criança, por isso, na formação de adultos, não podemos negligenciar que cada indivíduo é único, carregando consigo uma experiência de vida. Procura-se assim, "uma formação centrada no formando como sujeito singular e co-construtor da sua própria formação." (Almeida, et al. 2001, p. 19)

Formar adultos "...não é ensinar às pessoas determinados conteúdos, mas sim trabalhar colectivamente em torno da resolução de problemas. A formação faz-se na «produção» e não no «consumo» do saber. " (Nóvoa, citado por Canário, 1999, p. 21).

No mundo contemporâneo, a formação rígida, condicionada, onde o adulto não tem oportunidade de se libertar, de ser criativo, pertence ao passado, cada vez mais é necessário libertar o adulto. "...torna-se necessário libertar o indivíduo da rigidez dos modelos pré-construídos, desenformá-lo, criar condições para que se possa afirmar na sua especificidade, sentir-se bem na sua pele de elemento ativo e, assim, contribuir para a construção do coletivo" (Duarte, 2011, p. 13).

A formação de adultos não pode ser vista numa perspetiva de formação para crianças e jovens, como por vezes se vem assistindo,

> ... o adulto para além de ser considerado como um ser autónomo (a nível profissional, familiar...) e a sua motivação para a formação se encontrar, em grande medida, orientada pela procura de respostas para as situações que vive, tem um suporte de experiencial que constitui um referencial, consciente ou inconsciente, importante para a sua conduta cognitiva (Silva, 2003, p.59)

As experiências vividas pelo adulto vão contribuir em grande parte para a sua aprendizagem. Por este motivo se evidencia tanto os conhecimentos que o adulto já possui na formação de adultos.

A experiência é de tal ordem importante nos processos de aprendizagem que esta deve ser "encarada como um processo interno do sujeito e que corresponda, ao longo da sua vida, ao processo da sua auto-construção como pessoa." (Canário, 1999, citado por Silva, 2003, p. 59)

Josso (2008) vem reforçar este pensamento quando diz que "todas as histórias de vida contam que houve formação apenas quando houve experiência. Experiência implica uma dimensão afetiva, implica uma reflexão sobre o que foi vivido (p. 123)."

Para que se tenha isto presente, é necessário que "nós enquanto formadores devemos imperativamente desenvolver pedagogias que ofereçam aos aprendentes a possibilidade de realizar experiências." (Josso, 2008, p. 123)

Seguindo esta linha de pensamento,

> as virtudes formadoras da(s) experiência(s) na aprendizagem, nomeadamente dos adultos, decorrem não só do seu potencial de saberes (profanos) mas das suas potencialidades na construção activa de novos

> conhecimentos emergentes a partir da reflexão crítica, consubstanciando a desestruturação-reestruturação dos novos saberes. (Silva, 2003, p. 61)

Vários autores de referência têm vindo ao longo dos anos evidenciando o seu contributo para se construir uma formação de adultos que passe pela emancipação do adulto. Apesar que ainda se assiste à FA num formato que não se adequa em nada ao adulto. É um desperdício o investimento perdido em formações sem qualidade, verificar que existe interesse em formar as pessoas e não se ter frutos com essas formações, gera um sentimento de revolta, e ao mesmo tempo impotência por não se conseguir mudar as políticas educativas existentes no nosso país.

As novas formas de pensar sobre a formação de adultos levam-nos a ver formação com outras vertentes como refere Silva (2003)

> ...perspectivam este campo de intervenção, não só face a uma diversidade de modalidades de formação (formação em alternância, círculo de estudos...), mas também e, sobretudo, face a novos desafios na forma de organizar e construir formação; esta terá que passar por uma lógica baseada exclusivamente na previsão, a lógica dos formadores e das instituições de formação, para uma lógica da construção, na qual os sujeitos da/em formação são centrais na construção dos dispositivos de formação, constituindo as suas vivências (p. 74).

De salientar que como menciona Duarte (2013) utilizando o termo "*desenformar"* e Josso (2008) citando "*desaprender",* na formação de adultos é preciso desaprender/desenformar para se conseguir adaptar à mudança, às exigências dos dias que correm, de facto, é necessário esquecer o que algumas vezes dávamos por certo, para podermos assimilar melhor as novas aprendizagens.

2.1.2- Educação de Adultos em Portugal

A Educação de Adultos no nosso país ainda não conseguiu o seu lugar. Apesar de ser um problema antigo, é um facto que em pleno séc. XXI ainda é um tema que se vem a arrastar sem resolução. A realidade a que se tem vindo a assistir é a insistência num conjunto de políticas educativas descontínuas. Nas nossas agendas políticas, a EA tem um papel secundário no campo da educação, tem-se negligenciado importância neste setor, vai-se referenciando objetivos e projetos que ficam sempre aquém das expectativas. A EA no nosso país foi sempre vista numa perspetiva de alfabetizar os adultos, melhorar a economia, reforçando-se sempre a

ideia de que é necessário investir na formação dos recursos humanos das empresas, como se a EA fosse só formar cidadãos (as) para evoluir nas empresas e fazer com que as empresas progridam.

Assim sendo, continuamos num país onde a taxa de analfabetismo continua num parâmetro preocupante e onde a participação de adultos em atividades de aprendizagens é relativamente escassa.

A EA em Portugal "tem-se pautado por alguns avanços e muitos retrocessos, por uma descontinuidade sem fio condutor, reveladora de ausência de uma lógica política-educativa eficaz, contínua, empreendedora e integradora da natureza pluridimensional da Educação de Adultos." (Barros, 2013, p. 97)

Em 1820, assistimos a um feito importante com o nosso Estado a garantir a gratuitidade da instrução primária a todos os cidadãos. Mais tarde, em 1835, a instrução primária dá mais um passo marcante, passando a ser obrigatória.

O século XIX até meados do século XX traz consigo uma EA baseada no conceito do modelo tradicional escolar o que se reflete numa preocupação pela alfabetização dos cidadãos. Apesar de se assistir a uma preocupação em alfabetizar os adultos o facto é que após o 25 de Abril de 1974, Portugal encontra-se com um sistema educativo preocupante, tendo ¼ da população portuguesa analfabeta.

Em 1975 assiste-se à criação da Direção-Geral da Educação Permanente (DGEP) que em 1979 criou o Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos (PNAEBA).

Inicia-se aqui uma mudança na educação de adultos, o conceito escolar que tem vindo a ser aplicado com os adultos começa a ser abandonado, tentando-se trabalhar mais numa lógica de Educação Popular.

Assim sendo, a EA encara-se como "um processo de aprendizagem que tornava os indivíduos, individualmente ou em grupo, sujeitos da sua própria educação e agentes criadores de uma verdadeira cultura nacional." (Barros, 2013, p. 103)

Em 1979, a Direção-Geral da Educação Permanente foi substituída pela Direção-Geral da Educação de Adultos (DGEA), para concretização do PNEABA, um plano que prometia muito sucesso mas que, em meados de 1980, foi abandonado.

O PNEABA foi considerado um plano excelente, tanto é que "o PNEABA tem sido um instrumento de consulta e orientação relevante para todos quantos querem falar da EFA e não só." (Silvestre, 2013, p. 169)

Continua-se muito aquém das metas estabelecidas na EA. Como refere Barros (2013) os principais motivos destas metas serem um fracasso deve-se às questões organizacionais, falta de apoio técnico, falhas de cooperação entre entidades parceiras, défices financeiros e por uma extrema burocracia.

Em 1985, surge a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), que traz a sensação da existência de um retrocesso ao que se previa com o PNAEBA. Sendo que LBSE direciona a EA para o contexto escolar, fragmentou-a e subordinou-a, através das estruturas de administração pública, como menciona Lima (2005).

No ano de 1987, extingue-se DGEA passando as suas funções para a então designada Direção-Geral do Apoio e Extensão Educativa (DGAEE).

> Pese embora a implementação destes programas e dos parcos movimentos de desenvolvimento local que tiveram lugar no decénio de 1990, a Educação de Adultos continuou a ser frequentemente identificada com duas modalidades educativas de tipo escolar, o ensino recorrente de adultos e a formação profissional. (Barros, 2013, p. 113)

Em 1999, assiste-se à criação da Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA). ANEFA criou os cursos EFA (Cursos de Educação e Formação de Adultos, com dupla certificação escolar e profissional), o Sistema Nacional de RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências) e as ações, centros e concursos s@ber+ (ofertas diversificadas de curta duração), como refere Barros (2013).

Mais uma vez se reabre uma esperança mas que, como até então, ficou muito aquém do seu potencial, como se comprova com o encerramento ANEFA em 2002. Com o seu encerramento, o Governo Constitucional aproveita o que existe da ANEFA criando um conjunto limitado de valências inscritas de forma incoerente na Direção-Geral de Formação Vocacional (DGFV).

Em 2007, dá-se a criação da Agência Nacional de Qualificação (ANQ), mais um tapa buracos, para possivelmente redimir os erros da extinta Direção-Geral de Formação Vocacional (DGFV). "A ANQ tem por missão coordenar a execução das políticas de educação e formação profissional de jovens e adultos e assegurar o desenvolvimento e a gestão do Sistema RVCC, assumindo um papel dinamizador do cumprimento das metas traçadas pela Iniciativa Novas Oportunidades." (Barros, 2013, p. 128)

A ANQ deu lugar à ANQEP (Agência Nacional Para a Qualificação e o Ensino Profissional).

Em 2016, saiu a Portaria nº 232/2016, de 29 de agosto que regula a criação e o regime de organização e funcionamento dos Centros Qualifica.

Em pleno 2017, a EA ainda não conseguiu vingar as suas diretrizes, persiste-se num percurso inexplicável e incompreensível.

Como se vem a perceber, o trajeto da EA tem sido completamente negligenciado, sempre que se aprova projetos que vão ao encontro da EA estes nunca são concretizados. A educação de adultos em Portugal tem andado a brincar às dietas iô-iô, sempre que temos um avanço de seguida vem o retrocesso.

Era importante que a educação de adultos em Portugal conseguisse encontrar o seu lugar.

2.2. Os profissionais Ajudantes de Ação Educativa

2.2.1- AAE a nível legislativo

A definição e as respetivas funções encontram-se no Boletim do Trabalho e Emprego, nº 25, 8/7/2016, do Contrato Coletivo entre a Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade – CNIS e a FNE – Federação Nacional da Educação e outros – Revisão global. Encontra-se no Anexo I – Definições de funções integrado nos Trabalhadores de Apoio com as seguintes funções:

-participa nas atividades socioeducativas;

-ajuda nas tarefas de alimentação;

-cuidados de higiene e conforto diretamente relacionados com a criança;

-vigia as crianças durante o repouso e na sala de aula;

-assiste as crianças nos transportes, nos recreios, nos passeios e visitas de estudo.

Esta carreira não tem muita informação disponível, fazendo uma pesquisa, esta é direcionada para auxiliares de ação educativa que desempenham as suas funções nos estabelecimentos públicos. As funções dos estabelecimentos públicos não correspondem à realidade das IPSS, o que dificulta a pesquisa para quem quer saber mais sobre esta profissão e o que comprova que é necessário fazer um ajustamento.

Como vem referenciado no mesmo Boletim de Trabalho, as instituições devem proporcionar aos seus trabalhadores ações de formação, nas quais o trabalhador deve participar e quando possível respeitar o período normal de trabalho. A formação contínua dos trabalhadores deve ser promovida enquanto instrumento de valorização e atualização profissional. As Instituições devem elaborar planos anuais ou plurianuais de formação. Pelo menos 10% dos trabalhadores com contrato sem termo tem que ter formação anual sendo que o número mínimo de horas anuais são 35 horas.

Como se consegue perceber, existe uma estrutura delineada no que concerne à formação destes profissionais, mas o que se vai assistindo na realidade é que não são cumpridas estas metas. Neste campo, temos que culpabilizar ambas as partes, por um lado, as Instituições que não proporcionam ou incentivam ações de formação, por outro lado, os (as) profissionais que não procuram nem pressionam as suas Instituições para a realização de formação.

2.2.2. A importância da formação destes profissionais

As AAE no campo educativo são pouco valorizadas, esse facto deve-se à falta de formação específica destes profissionais, é uma profissão em que se aposta pouco levando assim à existência de muitos profissionais sem formação adequada para a exercer.

Profissionais desta área deveriam investir mais na formação, sensibilizar todos os quanto intervém com crianças a importância de saber educar bem.

Infelizmente no nosso país assim não acontece sendo vista a profissão de Ajudante de Ação Educativa como função que "qualquer" pessoa pode desempenhar. Uma mentalidade que é necessário mudar, estes profissionais passam muitas horas com as crianças tendo um papel fulcral na educação. Se é desde tão tenra idade que as crianças vão para as creches, é fundamental a existência de profissionais qualificados para as auxiliar na educação. Não basta a formação passar só pelos educadores(as) de infância, os(as) AAE passam muito tempo sozinhos(as) com as crianças, a maior parte das rotinas feitas nas Instituições são da responsabilidade desses profissionais.

Se queremos ter uma sociedade com elevados níveis de educação, temos que começar desde cedo a ter profissionais capazes de saber estar, saber ser, saber fazer para passarem esses exemplos. As crianças imitam os adultos e é algo que fazem bem, portanto, os exemplos

dos adultos têm que se distinguir pela excelência. A solução passa por apostar na formação destes profissionais e não permitir a pessoas trabalharem nesta área sem formação adequada.

As equipas pedagógicas deveriam ser sensibilizadas para esta problemática, manter ou contratar pessoal nas condições que atualmente temos, não deveria ser passível de acontecer. Como refere Ribeiro (2012), a ideia de AAE sem formação é uma ideia do passado, ou pelo menos deveria ser.

Para as Instituições terem um serviço de referência, é necessário ter pessoal adequado a cada função, tendo a perceção que têm uma responsabilidade acrescida na sociedade, pois a maneira como educamos vai refletir-se no futuro.

Esta realidade só é plausível de ser concretizada quando as Instituições começarem a ver os(as) seus/suas AAE como uma responsabilidade acrescida e a dar oportunidade de evoluir na sua formação.

Apostar na formação dos(as) AAE vai claramente mudar o funcionamento interno das instituições, é importante a existência de uma interligação entre as instituições, formadores(as) e formandos(as). "A formação é sempre um processo de mudança institucional, devendo por isso estar intimamente articulada com as instituições onde os formandos exercem a sua atividade profissional." (Nóvoa, citado por Canário, 1999, p. 21)

As(os) AAE, fazendo parte integrante da comunidade educativa e ao investir-se na sua formação, estamos a investir na educação de uma sociedade, trazendo num futuro próximo frutos positivos.

Capítulo III

Enquadramento Metodológico do Estágio

3.1. Paradigma

No que respeita à sua natureza investigativa, o presente trabalho situa-se no paradigma qualitativo interpretativo. Como refere Bento (2012) a investigação qualitativa foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas perceções dos sujeitos; o objetivo é compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e de observações.

No seguimento deste pensamento, Gauthier (1987) menciona que a tradição da investigação qualitativa, em ciências sociais, consiste essencialmente em estudar e em interagir com pessoas no seu terreno, através da sua linguagem.

Kirk e Miller (1986) sublinham o carácter de proximidade entre o investigador e os participantes na investigação qualitativa centrada na construção de sentido. Esta proximidade manifesta-se tanto no plano físico (o terreno) como no simbólico (a linguagem).

Neste trabalho, o intuito é compreender uma realidade e trabalhar essa mesma realidade com os seus intervenientes, partindo do princípio que os intervenientes vão ter um papel participativo na intervenção. No paradigma qualitativo, a realidade a ser tratada acaba por ser mais subjetiva, vasta, não recai numa realidade objetiva. O presente trabalho é construído no terreno com os participantes onde eles têm o direito a ter voz e oportunidade de opinarem para ajudar a melhorar a sua própria realidade.

3.2. Métodos e técnicas de educação/formação e de avaliação

3.2.1- Método

O método a ser utilizado é investigação-ação (IA). A investigação-ação visa uma melhoria da prática existente. Por este motivo, esta metodologia enquadra-se neste projeto. Aqui pretende-se que todos os intervenientes sejam participantes, quer a nível da planificação, da ação, da observação e da reflexão.

"...a investigação-ação examina uma situação a partir do ponto de vista dos participantes, esta descreverá e explicará o que acontece na situação, utilizando a linguagem dos participantes..."(Ketele & Roegieers,1993, p.115)

A investigação-ação pelas suas características vai no enfoque deste projeto, onde se pretende trabalhar com os participantes no terreno e através deles ajudá-los a melhorar a sua realidade profissional. Uma característica importante nesta metodologia e que se identifica neste trabalho passa por se trabalhar com a linguagem deles e deixar de lado a linguagem técnica, pois só assim é que se consegue chegar a eles(as).

Esta metodologia insere-se na reflexão de uma ação já existente, com o intuito de a transformar e este é o principal objetivo do projeto.

3.2.2 – Técnicas

3.2.2.1 -Análise documental:

A análise documental é uma das técnicas mais exaustivas num projeto pelo facto da pesquisa pormenorizada que se tem, aqui o investigador não pode partir das suas ideologias, o que torna o seu trabalho mais complexo. "... apenas a utilização de métodos construídos e estáveis permite ao investigador elaborar uma interpretação que não tome como referência os seus próprios valores e representações." (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 226)

Os documentos podem ser de diversas formas: escritos; publicados; oficiais; fechados/abertos; científicos; eletrónicos, etc... É uma análise essencial em qualquer investigação. "Técnica de recolha de informação necessária em qualquer investigação, o recurso a documentos é uma tarefa difícil e complexa que exige do investigador paciência e disciplina." (Pardal & Correia, 1995, p.74)

3.2.2.2 -Conversas informais:

As conversas informais são muito utilizadas pelos investigadores, consiste em manter conversas com o público-alvo sobre o tema que se quer trabalhar. É um método que deixa os participantes mais à vontade e possibilita informação mais precisa pois estes não se sentem

inibidos. Esta técnica foi muito utilizada neste projeto, pois tentou-se sempre uma proximidade com o público-alvo no decorrer de todo o projeto.

É uma técnica que nos auxilia muito, devido ao seu caráter informal o qual deve ser aproveitado, porque não só conseguimos obter informação, como nos aproxima das pessoas em causa. O facto de se conseguir criar relações com os(as) intervenientes ajuda a troca de informação, as pessoas com o passar do tempo, com criação de uma relação, conseguem abrir-se mais de modo a ajudar a alcançar o nosso principal objetivo.

Através da comunicação, as pessoas evidenciam experiências que levam a uma construção de saberes mútuos, como refere Freire (1975), "não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão (p. 112)."

3.2.2.3 - Inquérito por questionário:

O inquérito por questionário é uma técnica de observação não participante, onde se coloca aos indivíduos uma séria de questões com a finalidade de conhecermos o público com que se vai intervir.

> Consiste em colocar a um conjunto de inqueridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema... (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 188)

Para se optar por este tipo de recolha de informação é necessário saber exatamente a informação que se procura, saber formular bem as questões, verificar se não fica nada por questionar "...é essencial captar bem o objetivo a atingir, bem como o tipo de informações a recolher..." (Ketele & Roegiers,1993, p.36)

Para obtermos os resultados precisos, é necessário ter em consideração três aspetos: "a presença e a pertinência de objectivos e de hipóteses prévias; a validade das perguntas feitas; a fiabilidade dos resultados recolhidos." (Ketele & Roegiers,1993, p.36)

3.2.2.4 - Observação:

A observação requer que o investigador esteja atento a tudo o que o rodeia, os resultados da observação vão depender da atenção que lhe está a ser prestada. Apesar de considerarmos que

a visão neste método é o principal sentido a ser utilizado não podemos desfalcar todos os outros sentidos. "A observação é um processo orientado por um objectivo final ou organizador do próprio processo de observação." (Ketele & Roegieers,1993, p.23) Através da observação, consegue-se retirar muita informação, passando por ser uma técnica de apoio constante, dando ferramentas únicas de auxílio que mais nenhuma outra técnica consegue com tanta perspicácia. Um ponto negativo da observação é a necessidade constante de existir um registo escrito, não se consegue ter a capacidade de memorizar tudo. E por vezes algo que nos falhou na observação já não conseguimos recuperar. "A observação é um processo cuja primeira função imediata é recolher informação sobre o objectivo tido em consideração em função do objectivo organizador..." (Ketele & Roegieers,1993, p.24)

Ao fazer observação no terreno, por vezes, deparamo-nos com alguns constrangimentos, sendo um deles o facto de as pessoas não serem tão naturais, sabendo que estão a ser observadas. Também é por vezes difícil ao investigador manter-se constantemente à margem, não intervindo, pois só com a sua presença de uma forma indireta já está a intervir.

Esta técnica foi muito utilizada, a observação neste percurso foi uma constante de início a fim. Através da observação, conseguiu-se perceber como funcionava o trabalho antes e depois da formação.

3.2.3 Técnicas de intervenção

Após algumas pesquisas dos modelos de formação existentes, optou-se pelo modelo Círculo de Estudo. Um modelo que se enquadra neste projeto pelas suas características, pois vai no seguimento do que é pretendido em torno deste trabalho. Pela sua definição entende-se o conceito deste modelo: "Círculo de estudo é um grupo de pessoas que se encontram para, em conjunto, abordarem os problemas comuns, debaterem as melhores soluções, descobrirem eventualmente novas realidades e aumentarem assim indefinidamente a sua formação." (Loureiro, Marques & Vallgarda, 1983, p.12)

Visto que a intenção é que os participantes tenham um papel ativo na construção da sua própria formação, o círculo de estudo enquadra-se na perfeição neste projeto.

"O círculo de estudo não é, evidentemente, a única forma possível de estudo para adultos, mas em muitos aspectos é insuperável." (Vallgarda & Norbeck, 1986, p. 34)

Pelas características que este método assimila, consegue-se perceber a riqueza que este processo pode trazer na formação dos adultos. Como todos os modelos têm vantagens e desvantagens, as vantagens que aqui encontramos vão no encontro da eficiência; economia de tempo; espaço; dinheiro; não requer nenhum perito. As desvantagens podem recair da inexistência de um perito e desvios que se podem produzir nos objetivos.

Para que este modelo seja praticado, é aconselhado um número de participantes, não menos de sete e não mais de doze, ter em consideração o grau de instrução, a área profissional, idade, o nível social.

Como se verifica no círculo de estudo, não há nenhum professor a ensinar alunos. "São os próprios participantes que contribuem conjuntamente para os estudos, que buscam os conhecimentos, recolhem elementos, informações de livros..."(Vallgarda & Norbeck, 1986, p. 15)

Os elementos participativos têm aqui oportunidade de refletirem, discutirem, analisarem e compreenderem o seu perfil profissional.

Aqui o adulto é construtor da sua formação sendo um método que sai dos parâmetros escolarizados e trabalha-se mais numa forma informal, como realmente devemos começar a interiorizar.

Um dos objetivos do círculo de estudos passa por

> aprender alguma coisa com significado para a nossa profissão, para a nossa casa... Não é para acumular conhecimentos como numa enciclopédia, mas sim para nos desenvolvemos, para nos compreendermos melhor a nós próprios e aos outros, experimentarmos sensações, traduzirmos novos conhecimentos em acções. (Vallgarda & Norbeck, 1986, p. 20)

Esta técnica de intervenção foi adequada ao público-alvo, sendo um modelo de formação que se enquadra perfeitamente no meio dos adultos.

3.3 Identificação dos recursos mobilizados e das limitações do processo.

Os recursos mobilizados para este projeto foram poucos, não foi necessário despender de recursos económicos nem muitos materiais.

Para a realização do trabalho, o material físico utilizado foi simplesmente uma sala, uma mesa ampla com 11 cadeiras.

As participantes estavam todas à volta da mesa de modo a que o contacto visual de todas fosse uma constante, auxiliando assim a participação de todas.

O material de desgaste utlizado passou por folhas brancas, canetas, onze dossiers onde constavam os conteúdos a serem abordados nas formações.

As limitações que possam ser aqui apresentadas são o facto de as participantes terem preferido que as formações fossem dadas na sua hora de intervalo, o que limitou um pouco as formações, pelo facto de só dispensar uma hora. Apesar disso, foi conseguido aproveitamento pela forma como foram realizadas. Não existiram grandes limitações em torno deste projeto, até pelo contrário, a Instituição não criou qualquer tipo de barreira à realização do trabalho. De salientar que existiu sempre amabilidade por todos os quantos tiveram que intervir de forma direta ou indireta em alguma tomada de decisão que colocasse o projeto em causa.

Capítulo IV

Apresentação e Discussão do Processo de Intervenção/investigação

4. Apresentação do trabalho de intervenção/investigação

Neste ponto, evidenciam-se as atividades desenvolvidas, bem como os resultados alcançados, pretende-se uma apresentação e discussão dos mesmos.

Com as técnicas utilizadas, consegue-se descrever os resultados quer das intervenientes quer de toda a equipa educativa existente na Instituição. O que importa aqui é ter a perceção de até que ponto a intervenção com as Ajudantes de Ação Educativa teve repercussões na sua vida profissional, pessoal e institucional.

Quadro nº 1: Planificação das formações

Sessões	Data	Temática	Objetivos	Material
1ª Formação	18/01/2017	Rotinas das crianças	- Compreender a importância das rotinas; - Compreender como os adultos apoiam as crianças nas rotinas;	Dossier Folhas brancas Canetas
2ª Formação	21/02/2017	Rotinas das crianças (continuação)	-Definir comportamentos a adotar.	Dossier Folhas brancas Canetas
3ª Formação	08/03/2017	Entrega e receção das crianças	Compreender como os adultos apoiam as crianças durante receção/entrega; - Analisar a importância da entrega/receção às crianças; - Definir a melhor forma de o fazer.	Dossier Folhas brancas Canetas
4ª Formação	30/03/2017	Auxílio da alimentação da criança	- Compreender como os adultos apoiam as crianças durante as refeições; - Analisar as melhores estratégias a adotar.	Dossier Folhas brancas Canetas

5ª Formação	27/04/2017	Higiene à criança	-Ajudar na perceção de como os adultos apoiam as crianças durante os cuidados corporais; - Definir a melhor forma de o fazer.	Dossier Folhas brancas Canetas
6ª Formação	25/05/2017	Vigilância durante o descanso	- Compreender a forma como os adultos apoiam as crianças durante a sesta; - Perceber a importância da sesta; - Analisar as melhores estratégias a adotar.	Dossier Folhas brancas Canetas
7ª Formação	29/06/2017	Preparação de catres/berço; O tempo exterior.	- Perceber como se preparam os catres/berço; - Compreender o modo como os adultos apoiam as crianças no tempo exterior; - Entender a importância do tempo exterior; Analisar as melhores estratégias a adotar.	Dossier Folhas brancas Canetas

4.1. Apresentação das atividades desenvolvidas

Antes de iniciar as sessões, reunimos com as participantes numa conversa informal para lhes ser exposto o projeto, designadamente explicando o método em que a formação se ia desencadear. Deu para ter a perceção de que era uma novidade, por ser algo novo, tinha-se receio da rejeição, mas não, a receção de facto foi muito positiva. Todas as participantes concordaram positivamente com o projeto.

Este projeto foi trabalhoso pelo facto da envolvência existente na preparação das sessões. Apesar da necessidade de uma observação exaustiva, era imprescindível uma pesquisa credível sobre cada tema a ser abordado.

É de salientar que existe pouca bibliografia e matéria sobre as funções das AAE. Procurou-se bibliografia e informação de referência no sentido de transmitir conhecimento credível sobre temas tão delicados como os que foram debatidos, dado tratar-se de crianças com idades compreendidas entre os 4 meses e os 6 anos.

As intervenientes, todas do sexo feminino, têm experiência na função a ser tratada, a maioria com vários anos.

O projeto decorreu entre outubro e junho, sendo que as formações foram administradas entre os meses de janeiro a junho, com 7 sessões. As formações foram acordadas com as intervenientes e, devido à disponibilidade, ficou acordado serem formações de uma hora, acabando depois na realidade existindo sempre um arrastamento no término das mesmas.

Devido à pertinência dos temas, acabou por uma formação não ser dada no tempo previsto pelo que ficou acordado termos mais uma formação.

O módulo em que as formações eram realizadas minimizou o fator tempo dispensados para as mesmas, demostrando ser eficaz. O único inconveniente por vezes sentido era que em certas sessões as participantes estavam tão entusiasmadas nas suas partilhas, que por vezes, as formações arrastavam-se.

Os temas a serem trabalhados eram sempre facultados às participantes mais ou menos uma semana antes para elas poderem ter acesso às temáticas, para que na formação se debatessem os conteúdos originando logo debate e partilha de conhecimentos.

De referenciar que os conteúdos a ser facultados às intervenientes eram esmiuçados de modo a não ser maçudo, a intenção não passava por depositar teoria, mas sim evidenciar informação útil de leitura fácil.

Pelo facto da matéria a ser administrada já ser do conhecimento prévio das intervenientes, dava uma vantagem no que respeita ao tempo das sessões.

Nas formações habituais, o tempo que se perde a ler os conteúdos é muito, quando se dá conta, o tempo passou e as pessoas passam o tempo a ouvir (ou não) o que origina por vezes que no final da formação pouco se retira. Aqui esse problema não existiu, pois os conteúdos só eram referenciados para iniciar o diálogo, por vezes, socorria-se aos conteúdos só para verificar o que nos diziam os entendidos na matéria, quando surgiam dúvidas.

O adulto aqui expunha prontamente as suas dificuldades, experiências, os seus receios, por este motivo, uma hora deste tipo de formação, comparado com outras de maior duração, por vezes é mais rentável.

De salientar que neste tipo de formação consegue-se ter a perceção do ponto de vista do outro, que na agitação do dia-a-dia de trabalho não se tem essa sensibilidade pela falta de tempo, falta de comunicação o que origina por vezes conflitos internos nas Instituições. Conflitos esses muito comuns nas Instituições e de difícil resolução.

Aqui a preocupação passou por se fazer uma aposta mais na qualidade que na quantidade, denotou-se durante as sessões a preocupação sempre de fazer melhor, apostando de facto na qualidade do serviço.

As formações mantiveram-se quase sempre constantes nas presenças com as dez participantes, existindo apenas numa formação uma ausência devido a uma participante se encontrar em casa por doença.

Foi preparado um dossier personalizado para cada formanda, onde no decorrer das formações fossem colocados os conteúdos das mesmas.

Os conteúdos foram preparados de uma forma sucinta, com vocabulário simples onde constasse o essencial da formação. Visto que a população alvo maioritariamente abandonou a escola há bastante tempo e o hábito de leitura já não estar muito presente na vida das intervenientes.

O principal interesse dos conteúdos era que as formandas se inteirassem dos temas a ser abordados fazendo uma aprendizagem/reciclagem para terem uma base de discussão.

Um dos intuitos foi sempre ir ao encontro da realidade da Instituição. A formação era dada no refeitório da Instituição com onze cadeiras à volta da mesa, onde as onze intervenientes se sentavam todas com o mesmo ângulo de visão. O material utilizado passava pelo dossier, folhas brancas e canetas.

4.1.1 – 1ª Formação: Rotinas das crianças

Os objetivos específicos para esta sessão assentam:

- Compreender a importância das rotinas;
- Compreender como os adultos apoiam as crianças nas rotinas;
- Definir comportamentos a adotar.

Descrição:

A primeira sessão abordou o tema: as rotinas das crianças, sendo o conteúdo concedido às participantes com antecedência para irem preparadas para a formação, como já foi mencionado.

De salientar que antes da primeira sessão após terem sido entregues os primeiros conteúdos existiu uma primeira abordagem por parte de uma formanda que achou que era muita informação, o que comprovou que algumas participantes já não se encontram familiarizados com a leitura. Uma situação que não se esperava, pelo facto dos conteúdos já estarem bastante espremidos, tornava-se complicado esmiuçar ainda mais a matéria, mas na educação e formação de adultos não se pode descurar a persistência, a resiliência e a capacidade de adaptação constante. Este facto originou que nas sessões seguintes houvesse o cuidado de ser-se ainda mais sucinta, para não assustar os adultos em causa.

A formação iniciou com abordagens dos temas, onde foi de imediato criado um diálogo em torno do mesmo, o que comprovou que foi feita uma leitura prévia do que lhes tinha sido entregue.

Iniciou-se por se discutir o conceito em torno do que é a rotina, focando-se na rotina no contexto daquela Instituição, passando por mencionar o que é que as rotinas proporcionam às crianças.

Consoante se ia explicando os conceitos, as participantes intervinham, discutindo o tema e colocando dúvidas do seu dia-a-dia. As dificuldades sentidas no terreno foram expostas, onde se criou um debate interessante e produtivo, partilharam experiências que deram para ter a perceção do que estava menos bem e como se poderia melhorar.

De notar que algumas tinham um à vontade superior de intervenção em relação ao restante grupo, sentia-se uma insegurança por parte de algumas em abordar os temas, mas no que se referia a dar exemplos do seu trabalho já demonstravam maior segurança. Refletia-se que a insegurança partia de terem receio de dizer "asneiras" e que fossem criticadas, pois nos exemplos dados do seu dia-a-dia não demonstravam tanta insegurança. O que dá a sensação de que o que fazem no seu dia-a-dia, a experiência no terreno dá-lhes segurança, confiança em falarem, já no que concerne à matéria teórica a insegurança é evidente.

A sessão continuou com a reflexão em torno do que são rotinas com e sem qualidade e como está a ser aplicada a rotina neste contexto.

Neste primeiro impacto, denotou-se várias barreiras de comunicação entre elas, onde foi necessária uma intervenção para auxiliar no combate a estas barreiras, os olhares cúmplices, o falar e não olhar diretamente para as pessoas, o medo de serem julgadas são alguns exemplos dessas barreiras. O fator de todas se conhecerem e serem abordadas situações reais e vivenciadas, por vezes, criava-se situações desconfortáveis onde era necessário uma intervenção

da orientadora, que de forma subtil pegava num exemplo dado tentando entre todas perceber qual o melhor método a ser utilizado sem ferir subjetividades, independentemente de quem estava certa ou errada, aqui importava sempre resolver o problema com a melhor solução evidenciada por todas.

É de salientar a preocupação que elas tinham em relação aos pais, por vezes, a maior preocupação era como intervir com os pais, fugindo à relação com a criança, que era o principal foco. Teve que se conciliar essa preocupação, para se conseguir chegar aos objetivos da formação e tentar auxiliá-las nas preocupações que iam surgindo mesmo que não tivesse nada a ver com os objetivos pretendidos para a sessão.

Por este motivo, o tempo dispensado para esta sessão não foi suficiente, ficou-se a meio da sessão, ficando acordado darmos continuidade na próxima sessão. Este tema também gerou grande reflexão em torno de como criar uma rotina com qualidade à criança.

Avaliação:

Para a avaliação contínua das ações de formação, propôs-se um questionário fechado com cinco respostas pré-estabelecidas. Pretendia-se com este questionário perceber o que estava a ser bem feito e onde se poderia intervir numa forma de melhorar as sessões. Preparou-se um inquérito simples sendo a sua resposta de cruzinhas para facilitar as respostas.

No final de cada formação era aplicado o questionário para se ter a perceção até que ponto as formações iam ou não tendo impacto e se havia necessidade de se ajustar a formação às suas expectativas.

Apesar de existir um levantamento de necessidades onde é dado um feedback sobre que assuntos abordar, é sempre complexo perceber se os temas apontados vão ao encontro das expectativas das formandas.

As cinco questões aplicadas no inquérito passava por perceber:

Quadro nº 2: questões aplicadas no inquérito por questionário da avaliação contínua.

I - Os conteúdos da ação da formação foram úteis ao exercício da sua função?
II - Em que medida aplicou os conhecimentos adquiridos no seu trabalho diário?
III - Considera que esta formação teve impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?
IV - A ação foi útil para o seu desenvolvimento pessoal?
V - O método utilizado foi adequado?

A avaliação desta formação foi feita só no final da segunda sessão pelo facto de não ter terminado. O questionário aplicava-se só no final das temáticas.

4.1.2 – 2ª Formação: Rotinas das crianças

Descrição:

Nesta formação, deu-se continuidade à formação anterior pelo motivo já mencionado. Antes de dar início à sessão, as colaboradoras começaram por colocar dúvidas em relação a comportamentos adotados após a formação. Foi importante perceber que todas elas tinham dúvidas na melhoria das rotinas com as crianças. Deparou-se que o que foi mencionado na formação foi posto em prática e tentaram melhorar. Como é óbvio nem tudo no terreno se consegue aplicar à primeira e as dificuldades sentidas foram aqui expressas e tentou-se perceber o que fazer para melhorar.

Por exemplo: as AAE da sala 1 e 2 anos na rotina da higiene à criança terminavam a higiene às 12.30, sendo que ficava uma AAE em cada sala até às 13:00, questionou-se o porquê de a higiene não ser feita com mais calma e terminar só às 13:00. Não existia nenhum impedimento para a higiene terminar às 13:00, então todas concordaram que meia hora fazia muita diferença na rotina da higiene à criança e fazia todo o sentido aproveitar essa meia hora

para fazer-se a higiene com mais calma criando uma rotina de qualidade, onde a prioridade é a criança e não o cumprimento de horários.

Com este exemplo, verificou-se que, quando existe uma intervenção por parte de toda a equipa, consegue-se ver falhas existentes e melhora-se o funcionamento interno de uma instituição, o que reflete que na agitação do dia-a-dia as pessoas não param para pensar porque é que as coisas funcionam de um certo modo e não de outro.

Deu-se, então, continuidade à sessão anterior, evidenciando os 10 princípios educativos na creche a ter-se sempre em consideração, com exemplos práticos para cada um deles de modo a facilitar o seu entendimento.

A sessão terminou com a demonstração de comportamentos corretos a serem adotados para um melhor funcionamento.

Avaliação:

No ponto **I,** fazendo um apanhado de todos os inquéritos, o resultado foi bastante positivo. Todas elas demonstraram que os conteúdos aplicados eram extensíveis à sua função e demonstraram ser úteis.

No que concerne ao ponto **II**, as formandas transmitiram que os conhecimentos adquiridos na formação foram aplicados no seu trabalho diário, sendo que a maioria das respostas referenciaram que os conhecimentos foram totalmente aplicados. Por estas respostas, consegue-se perceber que a formação teve impacto, que as formandas foram ouvindo tudo o que foi partilhado e que perceberam os conteúdos da formação.

Na questão **III** – Visto que nesta profissão existe um trabalho em equipa nomeadamente a equipa pedagógica, é importante este aspeto ter sido trabalhado e nas respostas dadas pelas participantes dá para ter a perceção de que as formações aqui funcionaram. Maioritariamente, as formandas afirmaram que a formação as ajudou bastante no seu desempenho em equipa e organizacional.

No ponto **IV,** outro aspeto de referência, e aqui as participantes também mencionaram uma utilidade positiva no seu desenvolvimento pessoal.

Por último, a questão **V** demonstrou que o método utilizado na formação teve sucesso.

De salientar que sendo esta apenas a segunda formação, já se notava que as sessões estavam a ter impacto, onde as formandas começaram a ter perceção dos objetivos pretendidos.

Realçando também uma maior abertura na discussão de problemas, começa-se a perceber que já tentam todas intervir, querendo todas ter voz. Começa a existir partilha de conhecimentos.

Os objetivos traçados para esta sessão foram alcançados como se pretendia.

4.1.3 – 3ª Formação: Entrega e receção das crianças

Os objetivos específicos para esta formação assentam:

- Compreender como os adultos apoiam as crianças durante receção/entrega;
- Analisar a importância da entrega/receção das crianças;
- Definir a melhor forma de o fazer.

Descrição:

Nesta formação, devido ao facto de uma participante se encontrar no seguro, não pôde assistir a esta formação.

A formação iniciou pelo tema em causa onde foi explicado como se deve receber e entregar a criança. Como habitual, criou-se debate acerca das diversas formas que as intervenientes faziam a entrega e receção da criança.

Foi discutido a forma como o adulto apoia a criança no momento da chegada e partida. Sensibilizou-se para o facto de se ter em atenção os sentimentos das crianças e dos pais na separação e no reencontro.

De salientar, que parece uma tarefa fácil, mas que acarreta cada vez mais particularidades difíceis. Essas mesmas dificuldades foram expostas por parte das intervenientes que denotam que com o passar dos anos os pais são cada vez mais exigentes trazendo consigo muita informação e querendo receber por partes dos cuidadores informações. E as AAE sentem dificuldades em ultrapassar algumas delas, necessitando de ajuda.

Um exemplo dado na sessão e muito pertinente a ser resolvido no dia-a-dia, foi como agir quando um encarregado de educação entrega a criança doente, quando se deve aceitar a criança ou não.

Foram levantadas preocupações que demonstram a falta de preparação para intervir, as AAE não têm o auxílio permanente das educadoras de infância, por esse motivo, a necessidade de estarem informadas para as várias situações.

Avaliação:

No ponto **I,** as respostas de todos os inquéritos foram de que os conteúdos aplicados lhes foram muito úteis, tendo esta sessão uma aceitação muito positiva.

O ponto **II** também demonstrou que os conhecimentos adquiridos na formação foram aplicados no seu trabalho diário, a maioria das respostas referenciou que os conhecimentos foram totalmente aplicados.

Na questão **III,** as formandas colocaram que a formação as ajudou bastante no seu desempenho em equipa.

No ponto **IV,** a sessão também obteve uma avaliação muito positiva onde foi mencionado que existiu muita utilidade para o seu desenvolvimento pessoal.

Por último, a questão **V** demonstrou que o método utilizado na formação se demonstrou muito adequado.

Mais uma vez foi comprovado o interesse pela participação, denotando-se que começaram a sentir-se mais seguras nas suas intervenções, começando a sentir-se quebras significativas nas barreiras de comunicação. O que demonstra que um dos objetivos traçados, o desenvolvimento interpessoal, está a ser trabalhado com sucesso, bem como os objetivos delineados para a sessão foram conseguidos.

4.1.4 – 4ª Formação: Auxílio da alimentação da criança

Os objetivos específicos para esta formação assentam:

- Compreender como os adultos apoiam as crianças durante as refeições;

- Analisar as melhores estratégias a adotar.

Descrição:

A formação continuou a ser administrada no mesmo módulo que as anteriores.

Esta sessão teve muita interação, onde as AAE deram muitos exemplos de melhoria para o dia-a-dia da criança. O facto de já estarem familiarizadas com o formato das formações ajudou ao envolvimento. E como foi evidenciado na sessão anterior, as barreiras de comunicação começam a ser ultrapassadas.

Aqui abordou-se a hora da refeição, sensibilizou-se para o facto de a criança começar a sua exploração por novos sabores, cheiros, texturas, dando tempo à criança para todas estas novidades. Fez-se uma reflexão sobre a forma como o adulto apoia a criança durante as refeições. Apelou-se ao incentivo para a criança ter autonomia de comer sozinho, bem como o adulto juntar-se às crianças na mesa das refeições, terminando-se esta sessão com o encorajamento de envolver as crianças mais velhas nas tarefas do refeitório.

Avaliação:

No ponto **I,** as respostas foram todas iguais e demonstraram que os conteúdos aplicados foram muito úteis.

O ponto **II,** evidenciou que os conhecimentos adquiridos na formação foram aplicados no seu trabalho diário, a maioria das respostas referenciou que os conhecimentos foram totalmente aplicados.

Na questão **III,** também teve uma aceitação bastante positiva onde as participantes colocaram que a formação as ajudou bastante no seu desempenho em equipa e organizacional.

No ponto **IV,** as respostas foram todas no mesmo enquadramento onde foi mencionado que existiu muita utilidade para o seu desenvolvimento pessoal.

Por último, a questão **V** mais uma vez demonstrou ser um método de formação muito adequado.

De realçar que elas estavam tão motivadas com as sessões que partiu delas mesmas ideias interessantes a ser implementadas por parte da Instituição. O que comprova que quem está no terreno verifica melhorias para o bom funcionamento, mas que por vezes não se cria a

oportunidade, ou pela falta de tempo, ou pela insegurança, podem existir vários fatores que levam as pessoas a não dar ideias produtivas. Neste tipo de sessões, a oportunidade surge.

Para além das ideias interessantes, também surgiram preocupações e alguns exemplos dados foi: como intervir quando a criança se recusa a comer, quando se está na adaptação, ou doente, deve-se ou não insistir com a criança, até onde podemos dar autonomia à criança nesta matéria, quando a criança rejeita um adulto e quer outro para o auxiliar na refeição, etc....

Nestas sessões, consegue-se retirar ideias produtivas que ajudam a auxiliar nas dificuldades sentidas. O que vai ao encontro de um dos objetivos que passa ajudar a criar hábitos que facilitem e melhorem as tarefas.

Foi uma sessão que se demonstrou ser muito produtiva para as AAE, trazendo consigo melhorias significativas para o funcionamento geral da Instituição.

Conseguiu-se alcançar os objetivos desta sessão com aproveitamento.

4.1.5 – 5ª Formação: Higiene à criança

Os objetivos específicos para esta formação assentam:

- Ajudar na perceção de como os adultos apoiam as crianças durante os cuidados corporais;
- Definir a melhor forma de o fazer.

Descrição:

A sessão iniciou com as formandas a colocarem dúvidas sobre as rotinas das crianças. As AAE traziam consigo dúvidas sentidas no pós formação que foram evidenciadas e tentou-se esclarecer.

Antes de iniciar a formação, foram então discutidas as dúvidas sentidas e só depois se iniciou o tema desta sessão.

Nesta sessão, foi discutido o tema da higiene à criança sendo uma das tarefas mais rotineiras, iniciou-se por mencionar os espaços físicos o modo como estes têm que estar adaptados a cada faixa etária. De seguida, iniciou-se a reflexão de como o adulto apoia a criança durante as rotinas de cuidados corporais, debatendo como integrar os cuidados corporais na

exploração e brincadeira da criança; centrar-se em cada criança durante a rotina de cuidados; proporcionar à criança escolhas sobre partes da rotina e encorajar a criança a fazer as coisas sozinhas.

Terminou-se a sessão debatendo-se boas práticas a serem implementadas na Instituição.

Avaliação:

No questionário aplicado, as respostas foram todas muito positivas dando seguimento ao que se tem vindo a referenciar. Tal facto demonstra que as sessões estavam a ir no caminho pretendido.

Como nas sessões anteriores foram referidas dificuldades na higiene à criança, e ideias foram dadas, a partilha de conhecimento ajudou a arranjar melhores formas de ter uma higiene à criança mais cuidada, particular (deixando de generalizar os cuidados), não estar tão focadas na questão tempo, dar mais autonomia à criança, em suma, apostar numa higiene de qualidade focando sempre o bem-estar da criança.

Como já foi referido, é importante quando elas trazem dúvidas sentidas, comprova que de facto estava a ser refletido nelas a troca de conhecimentos trabalhados.

Para um orientador, o facto de sentir que as participantes estão a interiorizar o que está a ser discutido dá também uma motivação extra para continuar a investir nas sessões e tentar sempre ajudar.

Se as intervenientes trazem dúvidas, é sinal que ficam atentas ao seu trabalho diário registando as dificuldades que foram surgindo com os conhecimentos adquiridos.

Começou-se a sentir que com o avançar das formações as questões iam surgindo com mais naturalidade, a preocupação por parte das intervenientes começava a ser uma constante, onde todas queriam ter oportunidade de ajudar.

Com o passar das sessões, dá para notar que os objetivos traçados estão a ser concretizados, um dos objetivos gerais que passa por desenvolver competências a nível pessoal, social e profissional está a ser bem trabalhado. As intervenientes já sentem melhorias no seu dia-a-dia no trabalho, o relacionamento entre elas já demonstra menos barreiras na comunicação, sentem-se mais confiantes em aplicar os conhecimentos aprendidos, quer no trabalho, quer na transmissão de saberes.

Mais uma vez as intervenientes conseguiram atingir os objetivos previstos.

4.1.6 – 6ª Formação: Vigilância durante o descanso

Os objetivos específicos para esta formação assentam:

- Compreender a forma como os adultos apoiam as crianças durante a sesta;
- Perceber a importância da sesta;
- Analisar as melhores estratégias a adotar.

Descrição:

Abriu-se a sessão a mencionar a importância do descanso para a criança, referenciando-se situações importantes que podem acontecer durante o descanso das crianças que por vezes se descartam. É uma altura da rotina da criança que requer uma preocupação redobrada.

Foram expostos temas para se refletir, nomeadamente: programar a hora da sesta segundo as necessidades individuais da criança; ajudar as crianças a acalmarem para a sesta; proporcionar alternativas sossegadas para as crianças que não dormem; deixar que as crianças tenham vários estilos de acordar.

No seguimento da sessão, foi apresentada a tabela que demonstra o número de horas que um bebé/criança necessita de dormir, dividido pelas horas noturnas e pelo número de horas que devem ter as sestas.

Apesar de ser a altura mais calma do dia-a-dia de quem lida com crianças, é uma rotina que requer cuidados que não podem ser negligenciados.

Tentou-se desmistificar a ideia de que a hora do descanso tem que ser igual para todas as crianças, sabendo que nas instituições por vezes é difícil ter crianças a dormitar fora da hora do descanso. Sensibilizou-se para o facto de estarem sempre atentas a qualquer movimento, som estranho, fazendo sempre uma vigilância constante à criança. Estes foram alguns exemplos que foram incutidos pelas AAE que logo entenderam a importância desta rotina e que de facto é necessário uma atenção personalizada a cada criança.

A sessão findou com a discussão de boas práticas a serem aplicadas.

Avaliação:

O inquérito aplicado demonstrou que os conteúdos foram de grande utilidade para as AAE, tendo evidenciado que os conhecimentos foram aplicados no seu dia-a-dia, ajudando no desenvolvimento pessoal das participantes, dando para notar que as intervenientes gostaram do método como as sessões estavam a ser conduzidas.

Devido à importância desta formação, demonstrou-se mais uma vez a preocupação de aprenderem a não errarem e corrigir situações.

Conseguiram perceber através de exemplos dados a importância da vigilância durante o descanso. O que se comprova que na educação e formação de adultos quando são dados exemplos discutindo os pós e contras os adultos interiorizam melhor a informação.

Nesta sessão, deu para ter perfeitamente essa perceção, elas foram ao encontro do pretendido discutindo as formas de estar nesta rotina diária. Com o que elas iam transmitindo umas às outras, conseguiu-se perceber que estavam a ir no caminho certo, que possivelmente de outra forma não iriam.

Esta sessão teve uma avaliação positiva, alcançando os objetivos pretendidos.

4.1.7 – 7ª Formação: Preparação de catres/berço. O tempo exterior.

Os objetivos específicos para esta formação assentam:

- Perceber como se prepara os catres/berço;
- Compreender o modo como os adultos apoiam as crianças no tempo exterior;
- Entender a importância do tempo exterior;
- Analisar as melhores estratégias a adotar.

Descrição:

Esta foi a última sessão que acabou por evidenciar dois temas. Tinha-se só programado um tema para esta sessão, mas como no levantamento de necessidades foi referenciado que não tinham interesse numa formação de preparação para catres e berços e que demonstraram mais interesse em falar sobre o tempo exterior, focou-se então o tempo exterior ficando só uma deixa de como se prepara um catre e um berço.

O tema da preparação de catres e berços só veio a ser evidenciado pelo facto de durante a observação feita verificar-se que existiam fatores que necessitavam de ser melhorados, nada de mais, por esse motivo conseguiu-se conciliar os dois temas na mesma sessão.

Iniciou-se, então, por mencionar o equipamento e o material necessário para proporcionar à criança condições para dormir. Refletiu-se sobre a arrumação e a higiene a ter com o material. Explicou-se o cuidado a ter na colocação dos catres e a forma correta de se preparar um berço.

Passando para o segundo tema abordado nesta sessão, abordou-se o exterior e a importância que tem para a criança o tempo passado no exterior. Mais uma vez se fez-se uma sensibilização para o modo como o adulto apoia a criança no tempo exterior passando por: proporcionar materiais diversos para o conforto e as brincadeiras das crianças; proporcionar uma variedade de experiências a bebés pequenos; utilizar estratégias de apoio adequadas ao tempo de escolha livre; observar a natureza com as crianças e acabar de forma tranquila o tempo exterior.

Como em todas as sessões, esta também terminou com o debate sobre boas práticas a serem aplicadas.

Avaliação:

Pela última vez, foi aplicado o inquérito das sessões que mais uma vez demonstrou resultados muito positivos em todas as questões.

A sessão demonstrou-se produtiva e útil, como foi uma constante ao longo de todas as sessões, referenciaram-se situações de melhoria no funcionamento e no material da Instituição.

Conseguiu-se aqui chamar a atenção de formas de funcionamento que só quem está no terreno tem a perceção, demonstrando a importância de dar voz a quem diariamente trabalha.

Foi notório que ao longo das sessões as barreiras de comunicação começaram a ser ultrapassadas (como já foi mencionado) o que demostrou uma melhoria na relação entre a equipa pedagógica auxiliando numa melhoria organizacional.

A insegurança inicial foi notória e com o passar do tempo esse obstáculo foi ultrapassado, comprovando que se conseguiu uma melhoria no relacionamento interpessoal.

Com a observação que se ia fazendo, também denotou-se que as AAE tinham mais confiança no trabalho que realizavam.

No decorrer das sessões, dava para se ter a perceção se os conteúdos eram do interesse do público-alvo, pois a participação, a partilha de ideias, a discussão sobre os mesmos era visível, o à vontade com que as intervenientes demonstravam nos temas que se iam debatendo era de facto notório.

De salientar que o método utilizado foi bem aceite e empregue. As conclusões assim o evidenciam, o que mostrou o interesse por esta nova forma de formação aplicada na Instituição.

Com os inquéritos, consegue-se entender que as participantes conseguiram retirar aproveitamento com as experiências e os conteúdos abordados foram bem aceites. As formações alcançaram a direção que se tinha delineado nos objetivos.

No final das sessões, foi dado um questionário para avaliação final, para ser feito em casa com tempo e foi evidenciado que era anónimo.

De destacar que pela primeira vez as participantes ficaram incomodadas pelo facto de terem que escrever. Sentiu-se novamente a insegurança por parte da maioria, onde várias questões foram levantadas, o que demonstrou não gostarem do facto de ter uma avaliação por escrito, dando preferência a uma avaliação em grupo.

Com estes resultados, consegue-se concluir que as sessões foram um sucesso indo ao encontro dos objetivos delineados.

4.2. Avaliação

Um dos pontos mais importantes do projeto enquadra-se na avaliação, pois é neste campo que se vai discutir os resultados verificando se o projeto conseguiu alcançar os seus objetivos.

Assim avaliação consiste em "... determinar a eficácia de determinado projecto de formação. A perspectiva de avaliação em presença remete o "avaliador" para preocupações com a aferição dos resultados directos e diferidos da formação." (Kirkpatrick, citado em Guia para a Avaliação da Formação, 2006, p.30)

A avaliação não deve ser realizada só no final do projeto, é importante arranjar dispositivos que nos vão dando uma avaliação durante todo o percurso da formação, para que no decorrer da mesma exista oportunidade de ouvir os intervenientes. Ao auscultar as pessoas envolvidas no projeto, consegue-se ter indícios se a formação está a ser do interesse dos(as)

formandos(as), podendo a todo o tempo fazer-se ajustamentos para se alcançar com sucesso os objetivos traçados.

Apesar de a avaliação nos ajudar a verificar se os objetivos foram alcançados, dá-nos também respostas que vão ao encontro de melhorar uma realidade existente. O foco principal de quem intervém no terreno é sempre de melhorar algo, por pouco que possa ser é sempre gratificante que sintamos a mudança para melhor.

Só se conseguem resultados positivos se formos capazes de fazer uma avaliação contínua onde os intervenientes sintam que são escutados e que se toma em consideração o que eles vão transmitindo.

Neste projeto, foi feita uma avaliação intermédia onde no final de cada formação se dava a oportunidade às formandas de irem avaliando as formações sempre com o intuito de fazer melhor.

Quer as conversas informais quer a observação foram um apoio de suporte vital para toda a realização do projeto e claro está, uma grande ajuda para a avaliação final dos resultados.

4.2.1. Resultados da avaliação Final

Para melhor avaliar os resultados das sessões de formação, optamos por um questionário com questões abertas para que fosse possível as participantes exporem as suas opiniões. Preparou-se também um questionário às Educadoras de Infância (EI) para melhor perceção dos resultados.

O questionário às AAE baseou-se em cinco questões apresentando-se agora o resultado das mesmas:

1. Os conhecimentos adquiridos refletiram-se numa melhoria do seu trabalho diário?

Nove das formandas responderam que sim e obtivemos uma resposta negativa.

Referiram:

- *"Ter mais calma nas tarefas";*
- *"Investir tempo de qualidade";*

- *"Prestar mais atenção à criança, ouvindo-a, ver os seus sentimentos";*
- *"Dar-lhes autonomia";*
- *"Reforçar o cuidado na hora do descanso";*
- *"Explicar à criança a rotina";*
- *"Verificar as falhas detetadas";*
- *"Compreender os métodos, ideais";*
- *"Tentar aplicar nas práticas diárias o que foi dado na formação".*

Pelo que foi exposto nos questionários, percebe-se que o que foi transmitido nas formações teve impacto positivo no dia-a-dia destas AAE. Denota-se uma preocupação com a importância das suas responsabilidades com as crianças e isso é referido como por exemplo a participante (E) menciona: "Prestar mais atenção à criança, ouvi-la mais, ver os seus sentimentos se está feliz ou não, e dar-lhe mais autonomia, não exigir tanto dela", por esta resposta, percebe-se que o adulto começa a ter uma preocupação com a criança, algo que é muito importante, deixar de se focar só nas tarefas e cumprimento de horários e dar mais atenção às crianças, percebendo as suas necessidades. Com este testemunho, percebe-se que o conhecimento que foi trocado nas sessões ficou. Como evidencia a interveniente (I) quando menciona que faz "as tarefas com mais calma, investindo em tempo de qualidade", este fator de dar mais atenção à criança foi bastante trabalhado e é comprovado que foi bem interiorizado.

Temos outro exemplo, a formanda (A) dizendo: "ser mais calma, mais tolerante, conversar mais com as crianças, escutando-as a todas", são respostas muito produtivas pois evidenciam o sucesso das sessões. Como se pode comprovar com o testemunho das participantes (B e H) onde a (B) refere: "através das formações consegui detetar algumas falhas cometidas na minha rotina e compreender quais os métodos ideais de desempenho" e a (H): "trabalhar com crianças não é um trabalho de rotina, podemos sempre melhorar o nosso desempenho e as formações têm um papel importante para nos ajudar no dia-a-dia", conseguiram perceber não só a importância dos conhecimentos adquiridos como a continuidade destas aprendizagens.

As participantes (F) (C) fizeram referência ao reforço dos cuidados na hora do descanso, um tema que é importante terem em atenção e ainda bem que se conseguiu interiorizar nas AAE, como comprovado por mais um testemunho "passei a ter mais atenção e a explicar melhor as rotinas que íamos fazer e a ter mais cuidados na hora do sono." (D)

Portanto, é evidente o resultado positivo de todo o trabalho. Com um último testemunho que diz "tento aplicar toda a formação que me foi dada." (J)

Com estes testemunhos, atesta-se o impacto positivo que as sessões tiveram, de facto reflete-se que as práticas do dia-dia destas profissionais sofreram melhorias significativas.

De salientar que se assiste a uma melhoria dos cuidados a ter com as crianças que esta Instituição acolhe por parte das suas cuidadoras.

As AAE têm uma preocupação constante com as suas crianças e isso foi notório ao longo das sessões.

2. Conseguiu ter a perceção da importância das suas tarefas diárias no desenvolvimento da criança?

As dez participantes responderam afirmativamente.

Referiram:

- *"As tarefas diárias permitem o desenvolvimento natural das crianças";*
- *"A mudança da rotina deixa as crianças desorientadas, por isso a importância de explicar o que se vai fazer";*
- *"Dar mais autonomia e explicar o que vão fazer em várias situações";*
- *"Porque é nas tarefas diárias que eles aprendem e crescem para o dia de amanhã."*

Todas as intervenientes evidenciaram ter a perceção da importância das suas tarefas diárias no desenvolvimento da criança. Nas suas respostas, percebe-se a importância do trabalho realizado pelas AAE e o impacto que este pode ter no futuro das nossas crianças. Importa aqui passar esta mensagem de que o serviço realizado por AAE é essencial e só com essa perceção é que se conseguem frutos positivos como aqui se alcançou e se pode evidenciar com o testemunho das (I) e (B) onde a (I) refere que "as minhas tarefas diárias transmitem à criança confiança e autonomia ajudando-as assim a ter um bom desenvolvimento", já a (B) menciona "as tarefas diárias permitem o desenvolvimento natural das crianças." Estes testemunhos evidenciam que as participantes conseguiram alcançar o que se tinha pretendido, o impacto que as rotinas têm nas crianças foi bem interiorizado como se pode comprovar com mais o testemunho da (D) "porque às vezes basta mudar um

pouco as rotinas que as crianças ficam logo desorientadas por isso a importância de explicar sempre o que vamos fazer."

A participante (A) menciona ainda que tenta que as crianças sejam mais autónomas "porque tento fazer com que o sejam, explicando como devem proceder em várias situações." A autonomia da criança foi um aspeto relevante a ser discutido e com este testemunho percebe-se que entenderam.

A interveniente (E) refere: "porque é nas tarefas diárias que eles aprendem e crescem para o dia de amanhã", mais um testemunho que prova que sabem o peso que as suas atitudes enquanto adultos vão ter nas crianças.

Estas formações foram benéficas para estas AAE como comprova a (H): "as crianças não são todas iguais, por isso temos que encontrar a forma mais correta de lidarmos com elas, as formações, a partilha de experiências tornam-nos mais bem preparadas nas tarefas do dia-a-dia."

Quando não se está familiarizado com o impacto que estas profissionais podem ter no futuro das novas gerações, torna-se difícil melhorar o serviço, mas primeiramente tem que se investir na formação destas profissionais para se começar a ter serviços de mais qualidade nas instituições. Este caminho foi traçado com o intuito de ajudar a melhorar esses mesmos serviços prestados pela Instituição e dar mais valor às AAE e pelo que se percebe foi bem-sucedido.

3. Considera que estas formações têm impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?

Sete participantes responderam afirmativamente, duas responderam que não verificaram grande impacto e uma respondeu que no seu desempenho em equipa sim, mas na organização não.

Referem:

- *"Passou-se a dividirmos mais tarefas e a ter mais cuidado com certas situações;"*
- *"As formações ajudam sempre a melhorar."*

Neste ponto, apesar de a maioria ter respondido que sim, existiram aqui algumas que não notaram o impacto das formações no contexto de equipa e organizacional.

Das respostas que demonstraram não ter sentido qualquer tipo de impacto refere a participante (B): "na minha sala não verifiquei grandes alterações contudo acredito que tenha sido vantajoso para outras equipas", e a formanda (G): "nem uma coisa nem outra, cada qual tem de saber o que está a fazer", aqui demonstra-se ainda uma certa dificuldade no relacionamento em equipa.

Já quem notou um impacto positivo evidencia-se pelos testemunhos da (D e H): "sim, porque assim passou-se a dividir mais as tarefas a ter mais cuidados em certas situações", "estas formações têm sempre um impacto muito positivo. Às vezes podemos pensar que a forma como fazemos o nosso trabalho é a melhor, mas podemos sempre melhorar o nosso desempenho, as formações têm um papel muito importante nesse sentido".

Temos aqui testemunhos controversos que nos levam a crer que há certas arestas que necessitam ser limadas para se conseguir chegar a todas, pois neste tipo de profissão tem que existir companheirismo e muito trabalho em equipa. A maioria conseguiu ver um resultado positivo, mas importa aqui perceber o que correu menos bem para não se ter conseguido chegar a todas, lidar com adultos exige muito esforço, mas este esforço tem que ser feito para conseguir resultados. Sendo certo que na vida não corre tudo como desejamos, pois não dependemos só de nós e temos que saber viver para e com os outros.

Apesar de tudo, o resultado é positivo, conseguindo-se chegar à maioria como refere um último testemunho que diz que as formações "ajudam sempre a melhorar." (I)

4. <u>O método utilizado para a realização das formações foi adequado?</u>

Nove responderam que sim e uma não respondeu.

<u>Referem:</u>

- *"É importante juntar o grupo de trabalho para poder partilhar as nossas ideias";*
- *"O método, a linguagem utilizado, a possibilidade de debate, permitiram uma melhor compreensão dos temas abordados";*
- *"Vocabulário simples, claro e expressivo";*

- *"A formadora foi acessível e o seu discurso decorreu de forma clara e fluente tornando fácil a compreensão."*

Esta questão foi importante para o projeto, pelo facto de o método nunca ter sido experimentado pelas intervenientes. Sendo um dos métodos que se enquadra na educação de adultos, estávamos expectantes na sua execução, o que provocou um certo receio de não ser bem aceite, originando uma certa ansiedade do feedback por partes das intervenientes.

No decorrer das formações, fomos tentando sempre ter esse feedback em torno do método, para se perceber até que ponto estava a ser bem empregue. O feedback foi sempre positivo, o que se veio a refletir com a avaliação final como pode ser comprovado com os seguintes testemunhos a (B) refere: "o método, a linguagem utilizada, a possibilidade de debate, permitiram uma melhor compreensão dos temas abordados", por este testemunho vê-se que o método foi bem-sucedido. A formanda (F) diz: "sim, foi o mais adequado pois o vocabulário era simples, claro e expressivo", demonstra que o vocabulário da formação foi bem empregue, sendo uma das preocupações por parte da orientadora comprovou-se que foi realizado com sucesso, pois tentou-se sempre adaptar o vocabulário ao público-alvo. Já as participantes (I e J) evidenciaram: "sim o método foi adequado e os conteúdos abordados também para desenvolver a nossa profissão", "...a formadora foi acessível e o seu discurso decorreu de forma clara e fluente tornando fácil a compreensão", não se pode pedir melhores resultados, ficando a orientadora satisfeita em saber que conseguiu chegar às formandas do modo que tinha projetado.

Termina-mos com mais um testemunho deixando um sentido de satisfação, a participante (H) demonstra: "a formação é muito importante, mas para além da formação é importante juntar o grupo de trabalho para podermos partilhar as nossas ideias, e todos juntos fazer com que as coisas funcionem cada vez melhor." Comprova-se assim que este método de trabalho tem os seus frutos positivos motivando os adultos a estarem em plena formação e sintonia partilhando as suas experiências que tanto nos ensinam. Verifica-se de facto que na educação e formação de adultos a partilha de conhecimentos, este envolvimento em comunhão, traz consigo uma satisfação notória no desenvolvimento humano, sendo importante investir mais em métodos que levem os adultos à procura da sua transformação.

5. Acha que poderiam ser utilizados outros meios para aumentar o interesse e a eficácia da formação?

Nove responderam que não, achando que os meios foram bem utilizados e uma interveniente não respondeu a esta questão.

Referem:

- *"Os meios foram adequados."*

Nesta questão, demonstraram mais uma vez que gostaram do modo como as formações foram administradas. Os meios existentes neste formato são escassos e simples e por não se complicar é que se tem sucesso. Apesar de todas terem o dossier, folhas e canetas, a verdade é que ninguém utilizou as folhas e as canetas. Não existiu necessidade disso, só a orientadora ia registando algumas notas. A não necessidade de ter que se ler ou escrever na sessão de formação demonstrou que a formação estava a ser eficaz pelo facto de elas não se sentirem confortáveis nessa matéria.

As participantes foram expondo os seus pareceres: as formandas (B, I e J) referem: "os meios utilizados atualmente mostram-se eficazes nas formações", "para mim o meio que foi utilizado funcionou bem", "...os meios utilizados foram os mais eficazes."

As formações que os adultos vão tendo acabam muitas vezes por se tornar cansativas o que leva a um desânimo, algo que se conseguiu combater com estas formações, verificando-se que as intervenientes foram gostando de todo o processo deste projeto.

Este processo só demonstra que não há necessidade de suportes digitais, carradas de matéria, leituras incansáveis para se dar formação, o que é necessário é existir pessoas que ajudem os adultos a crescer no modo que eles se sentem confortáveis. E para isso é necessário mudar as mentalidades e começarem a ter a noção que, como Paulo Freire (1975) cita "ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (p.97).

Este formato de aquisição de conhecimentos foi eficaz, o que deixa um sentimento de grande satisfação, pelo facto de saber que mudou uma realidade existente para melhor, onde se ajudou as pessoas a evoluírem nos seus conhecimentos.

De salientar que a avaliação final feita às formandas teve um impacto muito positivo, com a descrição dos seus valiosos testemunhos, atesta-se essa veracidade.

4.2.2 Resultados da avaliação às Educadoras de Infância

Considerou-se pertinente questionar as Educadoras de Infância (EI) para conseguir compreender os resultados do projeto. Visto que as Educadoras de Infância são as responsáveis pelo trabalho das AAE nas salas, são a melhor fonte de informação para dar um feedback das formações. Dado serem elas que estão no terreno diariamente com as AAE, as suas perceções sobre os comportamentos adotados dentro da sala e com as crianças são uma mais-valia para a avaliação do projeto.

De referir que, aquando da abordagem de poderem intervir para este projeto com um questionário, as EI não colocaram nenhum obstáculo prontificando-se logo a ajudar.

O questionário às EI foi mais curto com três questões apresentando-se agora o resultado das mesmas:

1. Acha que as formações refletiram-se numa melhoria do trabalho diário das Ajudantes de Ação Educativa (AAE)?

   As cinco educadoras responderam que sim.

   Referem:

- *" Melhorias significativas";*
- *"Preocupação em fazer melhor";*
- *"Melhoria do seu trabalho com as crianças";*
- *"Maior interesse em novas formações";*
- *"Foi visível o prazer na frequência das formações";*
- *"Sentindo melhorias no empenho e atenção desta forma o serviço com maior qualidade."*

A opinião das EI refletiu que sentiram melhorias no trabalho realizado pelas AAE, pelos seus depoimentos, como menciona a (EI B) "penso que com o decorrer das formações, várias questões importantes para o bom desempenho das AAE foram expostas, o que se refletiu na sua

prática. O facto de se partilharem experiências ajuda a uma reflexão diária traduzindo-se numa melhoria do seu trabalho com as crianças." No mesmo seguimento, temos outro testemunho "desde o início que foi visível o prazer na frequência das formações, notei que as Ajudantes de Ação Educativa regressavam das formações motivadas. Os assuntos foram sempre muito pertinentes e portanto sempre lhes despertou o interesse. O diálogo e a troca de experiências de trabalho beneficiam e enriquecem o trabalho de cada uma." (EI D)

As formações tiveram efeitos positivos na Instituição, é gratificante verificar que o trabalho foi recompensado, auxiliando as pessoas a terem um melhor empenho no seu dia-a-dia. Como refere (EI D e A) "a motivação pelas formações foi transferida para o dia-a-dia do trabalho das mesmas, sentindo melhorias no empenho e atenção tornando desta forma o serviço com maior qualidade", "...as melhorias têm sido significativas, pois as ajudantes de ação educativa têm demonstrado comportamentos que foram transmitidos através das formações. Têm apresentado preocupações em fazer melhor."

Estas evidências comprovam de facto que as sessões conseguiram alcançar os objetivos traçados. Para reforçar estas evidências, apresenta-se ainda mais dois testemunhos que mencionaram "as formações proporcionaram uma melhoria no desempenho das AAE nas diversas rotinas diárias, mais diálogo e apoio à criança e maior interesse em novas formações" (EI C), já a (EI E) faz referência "de um modo geral penso que começou a haver um maior cuidado nas ações realizadas e uma intenção, um querer fazer melhor, tentando refletir antes de agir."

2. <u>Sentiu alterações significativas na relação criança/adulto?</u>

As respostas foram todas afirmativas.

Referem:

- *"Preocupação de passar mais tempo a dar atenção às crianças";*
- *"Participam nas atividades das crianças";*
- *"Pensam antes de agir e isso melhora o serviço";*
- *"Maior diálogo adulto/criança";*
- *"Reavivar o sentido da profissão da AAE";*
- *"À receção das crianças dão especial carinho e atenção";*

- *"Encorajar a criança a ganhar autonomia";*
- *"A criança ser o centro das atenções."*

Um aspeto importante no dia-a-dia das AAE é a interligação que o adulto tem com as crianças e é um dos principais pontos a ser focado, por isso, o interesse em saber a opinião das EI que estão por dentro deste assunto, e tentar perceber se existiram melhorias. Todas as EI mencionam que sentiram melhorias. A (EI C) refere: "observam-se melhorias significativas na relação adulto/criança, maior preocupação em explicar à criança as rotinas, maior incentivo à criança para levar a cabo rotinas de forma independente nomeadamente na hora da higiene e da refeição... O adulto está mais empenhado em avaliar as suas práticas de trabalho e refletir sobre as alterações que necessitam de ser realizadas."

Percebe-se que as formações chegaram às AAE, pois no terreno consegue-se ter a perceção de que existiu uma melhoria significativa, elas estão a implementar o que lhes foi transmitido nas formações.

Refere também a (EI. A) "os adultos têm tido a preocupação de passar mais tempo a dar atenção às crianças. Participam mais nas atividades das crianças, quer nas várias áreas da sala, quer durante as brincadeiras de exterior." Este testemunho evidencia uma preocupação que foi transmitida nas sessões que passou por focar a importância do adulto, estar sempre presente para a criança, interiorizar que não existem tempos mortos nesta profissão, temos de manter sempre uma atenção redobrada às necessidades da criança. Para reforçar esta preocupação, também alude a (EI E) que "houve uma melhoria na relação adulto/criança, a ajudante de ação educativa começou a tentar chegar mais perto das crianças através da criação de um maior diálogo na rotina diária e higiene diária e tentando realizar atividades que mantivessem uma maior ligação, como contar histórias e canções em grande grupo." O testemunho imediato vai no mesmo seguimento "na relação criança/adulto, notei que conversam mais com as crianças durante a rotina. Na receção das crianças dão especial carinho e atenção. Relativamente à higiene a criança é sempre encorajada a ganhar autonomia fazendo as tarefas sozinha com o adulto a acompanhar e a apoiar, sendo a criança sempre o centro da atenção. De uma forma global, tornou o trabalho das AAE mais harmonioso." (EI D)

Um dos pontos focados no projeto que vai ao encontro da importância que se dá a esta categoria profissional vem também aqui referenciado pela (EI D) "as formações na minha opinião são sempre benéficas e enriquecedoras, estas em particular foram importantes no sentido de reavivar o sentido da profissão AAE, que com o decorrer do dia-a-dia às vezes se vai

diluindo na rotina." O testemunho da (EI B) refere "...as formações serviram para as colaboradoras pensarem e refletirem sobre a sua prática diária. Assim, nota-se que, em certas situações, as AA E tentam pensar antes de agir e isso melhora o seu serviço."

3. Sentiu que o desempenho em Equipa ou no contexto da Organização mudou?

As respostas foram todas no sentido de uma mudança para melhor.

Referem:

- *"O desempenho em equipa tornou-se mais completo";*
- *"O desempenho tem vindo a melhorar notando-se alguns aspetos que precisam ser trabalhados como é normal";*
- *"Houve alterações a nível da divisão de tarefas, o que se refletiu numa mais-valia para a organização da sala."*

As educadoras evidenciam que sentiram que existiu uma mudança para melhor no desempenho em equipa e no contexto da organização.

As respostas que foram dadas nos inquéritos demonstram essa realidade como refere a (EI B) "o desempenho das Ajudantes de Ação Educativa tem vindo a melhorar, notando-se alguns aspetos que precisam ser trabalhados, como é normal."

Seguindo a mesma linha de pensamento, também referiram: "sim o desempenho em equipa tornou-se mais completo. Onde a participação mútua é fundamental para responder às necessidades e interesses das crianças." (EI A) Já a (EI E) diz: "mudou para melhor penso que houve uma maior preocupação em querer fazer melhor colmatando falhas existentes." "Ao longo das formações senti que houve alterações ao nível da divisão de tarefas, o que se refletiu numa mais-valia para a organização da sala. Começou a haver rotatividade nas tarefas algo que antes não acontecia." (EI D)

Estas respostas positivas levam a crer que as formações tiveram o impacto pretendido, conseguindo-se combater algumas lacunas existentes na Instituição. Conseguiu-se mudar uma realidade existente para melhor que é sempre o objetivo destas intervenções.

4.3 – Discussão de resultados

Aqui importa patentear se os resultados obtidos vão ao encontro dos objetivos traçados para o projeto. Na apresentação dos objetivos, vai-se fazer um enquadramento com outras investigações sobre o tema, pois, no decorrer do projeto, foi importante verificar outros projetos que focam a problemática aqui estudada. Não só para se ter um termo de comparação, mas para conseguir verificar até que ponto estes projetos tiveram êxito ou não, verificando o que correu menos bem, tentando não cometer os mesmos erros aprendendo a fazer melhor.

Tendo como primeiro objetivo traçado - *desenvolver competências a nível pessoal, social e profissional* este objetivo foi alcançado com sucesso, visto que foi evidenciado sempre uma melhoria no trabalho, na relação em equipa e melhorias nos seus comportamentos como foi referenciado por algumas participantes que conseguiram melhorar as suas competências "ter mais calma, pensar antes de agir, combater lacunas existentes", são exemplos que demonstram o sucesso deste projeto, neste objetivo.

O segundo objetivo geral - *implementar metodologias de trabalho que promovam a autonomia, o espírito crítico e a abertura à inovação e à mudança*, foi sem dúvida alcançado com mérito, como verificado nos testemunhos aqui já referenciados. Verifica-se que as AAE aperfeiçoaram o seu trabalho, tendo conseguido ganhar uma maior confiança, alcançando a oportunidade de exporem os seus problemas, o que as levou a libertarem-se da sua zona de conforto, confrontando-se umas com as outras de maneira a serem críticas face aos problemas detetados. Existiu desde o início uma abertura para "fazer melhor", o que reflete que aceitaram a mudança de bom agrado.

No que concerne aos objetivos específicos, o primeiro a ser considerado - *partilhar conhecimentos e saberes*, foi sem margem de dúvida atingido, nunca se pensou que pudesse correr tão bem. Com o decorrer das formações por vezes até se atropelavam umas às outras com tanta vontade de partilhar as suas experiências. Era notória a satisfação dentro das formações, os debates criados eram de tal forma enriquecedores que as intervenientes se aperceberam disso querendo sempre dar o seu contributo.

No estudo de Miranda (2013), este ponto não foi tão positivo, apesar de ter existido no decorrer das formações um parecer favorável em relação às mesmas, a realidade é que em algumas sessões existiu um feedback menos positivo no que se refere à participação individual. O que levou a este aspeto ser menos positivo foi a metodologia utilizada em algumas sessões "os formandos focaram sobretudo a ausência de debate e a falta de utilização de metodologias que promovessem a participação dos mesmos." (Miranda, 2013, p. 66).

Em contrapartida, no estudo de Martins (2012), as temáticas escolhidas para as formações foram ao encontro de construir um debate para construção de saberes individualizados, entendidos como pertinentes à prática e ao conhecimento. A metodologia utilizada foi ao encontro de promover "... formas de pensar e organizar a formação mais humanista, mais emancipadora e mais próxima dos seus participantes." (Martins, 2012, p. 91) "Este processo de (auto)formação contínua, em formação, foi estimulado e fomentado pelo colectivo, o que permitiu confrontar as experiências de cada um, reinterpretá-las à luz da das perspectivas de pares e o redescobrir de novas formas de olhar a experiência e o contexto profissional." (Martins, 2012, p. 94)

No nosso projeto este objetivo como já mencionado foi alcançado como se pode comprovar com o testemunho da Educadora de Infância (B) "penso que com o decorrer das formações, várias questões importantes para o bom desempenho das AAE foram expostas, o que se refletiu na sua prática. O facto de se partilharem experiências ajuda a uma reflexão diária traduzindo-se numa melhoria do seu trabalho com as crianças."

Um outro objetivo específico - *promover o relacionamento interpessoal*, foi atingido como já foi evidenciado por parte das formandas. De referenciar que na primeira formação algumas sentiram-se intimidadas, mas com o decorrer das formações este primeiro obstáculo foi superado. Como se pode comprovar com o testemunho da participante (AAE H) que demonstra: "a formação é muito importante, mas para além da formação é importante juntar o grupo de trabalho para podermos partilhar as nossas ideias, e todos juntos fazer com que as coisas funcionem cada vez melhor."

Alcançando também resultados positivos no seu projeto Miranda (2013) refere a participação de grupo positiva, "a promoção da aprendizagem colaborativa, através da utilização

de dinâmica de grupo, traduzindo-se numa melhoria da avaliação no que se refere à participação do grupo e à participação individual" (p. 70).

Na mesma linha de resultados, Martins (2012) menciona que "o dispositivo de formação permitiu criar um lugar seguro mas aberto à discussão, à reflexão e à partilha de experiências, de perspetivas e de angústias pessoais. Permitiu ainda contribuir num sentido positivo para a autoestima destes profissionais, dando-lhes "voz" quando, no seu contexto profissional, sentem que são os menos ouvidos" (p. 89). No final, refere também que foi possível desenvolver um processo participativo e construído gradualmente pelos agentes neles envolvidos, induzindo a mudança e fomentando a curiosidade pelo seu desenvolvimento.

No que respeita aos objetivos - *Organizar a gestão das tarefas* e *rentabilizar os recursos existentes na Instituição*, obtiveram uma resposta positiva, pois algumas formas de trabalhar foram reorganizadas e aceites pelas participantes e colocadas em prática como vem evidenciado pelo testemunho de uma educadora (D) "ao longo das formações senti que houve alterações ao nível da divisão de tarefas, o que se refletiu numa mais-valia para a organização da sala. Começou a haver rotatividade nas tarefas algo que antes não acontecia". Conseguiu-se ajustar o que a Instituição já detinha e arranjar meios de melhorar o serviço.

O quinto objetivo - *ajudar a criar hábitos que facilitem e melhorem as tarefas diárias*, foi colocado em prática com sucesso, pois foi evidenciado nas formações hábitos antigos que prejudicavam a qualidade do serviço, sugestões de melhoramento foram dadas, sendo aceites e empregues pelas AAE.

Como se pode atestar com os depoimentos, a AAE (B) refere: "através das formações consegui detetar algumas falhas cometidas na minha rotina e compreender quais os métodos ideais de desempenho" e a AAE (H): "trabalhar com crianças não é um trabalho de rotina, podemos sempre melhorar o nosso desempenho e as formações têm um papel importante para nos ajudar no dia-a-dia."

No último objetivo - *promover momentos de reflexão de partilha de conhecimentos e interajuda*, este último objetivo foi conseguido, tendo existido dentro e fora das formações reflexões que foram partilhadas de forma a aperfeiçoar o trabalho, o relacionamento, a

comunicação, a interajuda entre toda a gente que se relaciona direta ou indiretamente com a Instituição.

Comprova-se com o testemunho da Educadora de Infância (B) quando mencionou que "com o decorrer das formações várias questões importantes para o bom desempenho das AAE foram expostas, o que se refletiu na sua prática. O facto de se partilharem experiências ajuda a uma reflexão diária traduzindo-se numa melhoria do seu trabalho com as crianças". "...As formações serviram para as colaboradoras pensarem e refletirem sobre a sua prática diária. Assim, nota-se que, em certas situações, as AAE tentam pensar antes de agir e isso melhora o seu serviço." (EI B)

De salientar que no estudo de Miranda (2013) os formandos tiveram oportunidade de dar o seu feedback para uma melhoria das formações como se evidencia, "os formandos sugeriam a introdução de dinâmicas para a exploração do tema e para promover a participação dos formandos. (Miranda, 2013, p. 68) Esta afirmação reforça o interesse dos adultos apelarem à sua participação, que evidencia o interesse em serem participantes ativos na construção do saber.

Também se consegue perceber na investigação de Martins (2012) que as formações foram flexíveis, existindo espaços abertos ao debate. "Em diversas situações foram reestruturadas ou não alcançados os objetivos da sessão ou não foram cumpridas todas as atividades planeadas, favorecendo antes o espaço ao debate sobre as necessidades e sobre as questões levantadas pelos participantes..." (Martins, 2012, p. 92).

De patentear que, por vezes, não importa só os objetivos traçados, é essencial que os formandos saiam com conhecimento mesmo que esse por vezes não tenha sido o traçado.

Mediante o exposto, é credível afirmar que os objetivos foram alcançados, conseguindo-se uma aprendizagem de conhecimentos recíproca, tendo os adultos uma aprendizagem que foi interiorizada, comprovando que na educação de adultos, conseguem-se resultados muito positivos.

O testemunho de uma Educadora assegura isso mesmo quando referiu: "desde o início que foi visível o prazer na frequência das formações, notei que as Ajudantes de Ação Educativa regressavam das formações motivadas." (EI D) Neste comentário, é notório o entusiasmo alcançado.

Ao contrário a investigação feita por Martins (2012) não teve o mesmo sucesso quando na avaliação final evidencia que "as mudanças foram limitadas e as transformações talvez inexistentes, possivelmente explicado pelo frágil compromisso estabelecido e pela ponte demasiado longa entre formação e situações de trabalho" (p. 95). Martins (2012) refere ainda que a "iniciativa quanto à participação no dispositivo apontava para uma influência, pedido ou direção superiores que, embora sem cunho de obrigatoriedade, condicionou a decisão livre e o interesse individual de participação que seriam desejáveis" (p. 71). Na educação e formação de adultos, a escolha pelo conhecimento tem que partir do envolvimento e interesse dos participantes, aqui pode estar refletida uma justificação para o projeto não ter obtido os objetivos pretendidos.

Já Miranda (2013) menciona que no seu projeto o resultado das avaliações "permite constatar que o balanço foi muito positivo. Não obstante, o cruzamento de informação dos questionários aplicados aos formandos e dos questionários aplicados aos formadores permitem concluir que existem pontos a melhorar ao nível das metodologias utilizadas" (p. 102).

O projeto em causa atesta com o que foi referenciado pelos autores estudados, que evidencia que a "investigação-ação analisa uma situação a partir do ponto de vista dos intervenientes, onde esta descreverá e explicará o que acontece na situação, utilizando a linguagem dos participantes." (Ketele & Roegieers, 1993, p. 115)

Para este projeto, os referenciais teóricos aqui estudados foram uma mais-valia auxiliando na perceção do caminho que se tinha que percorrer e ajudando em torno de todo o trabalho. As formações foram baseadas num círculo de estudo que como refere Loureiro, Marques & Vallgarda, (1983) "é um grupo de pessoas que se encontram para, em conjunto, abordarem os problemas comuns, debaterem as melhores soluções, descobrirem eventualmente novas realidades e aumentarem assim indefinidamente a sua formação" (p. 12).

Visto que o trabalho foi na direção de trabalhar uma realidade onde os intervenientes participaram, a investigação qualitativa é aqui empregue visto que foca um modelo fenomenológico no qual a realidade é enraizada nas perceções dos sujeitos, sendo o objetivo passar por compreender e encontrar significados através de narrativas verbais e de observações (Bento, 2012).

Tentou-se sempre que a formação fosse centrada no formando como sujeito singular e co construtor da sua própria formação (Almeida, et al. 2001). As formações foram sempre centradas neste prisma.

Capítulo V

Considerações Finais

5.1 Análise crítica dos resultados e das implicações dos mesmos

Este projeto centrou-se num processo de formação a pessoas com a categoria profissional de Ajudantes de Ação Educativa. Uma categoria profissional que acarreta consigo uma importância elevada para a sociedade, apesar de não ser muito reconhecida como tal.

Foi gratificante no decorrer do projeto intervir com profissionais que no seu dia-a-dia dão o seu melhor em prol dos outros. Esta categoria profissional deveria ser mais reconhecida, mas não, esta profissão (e tantas outras) por vezes encontra-se esquecida. Por isso, a importância de se investir nesta profissão e lutar pelo seu reconhecimento.

Ao longo das formações foi notória a importância das tarefas que estes profissionais têm com as crianças. Contudo, continua-se a assistir a pessoas neste tipo de profissão sem a menor noção do que é lidar com crianças.

As formações foram ao encontro do pretendido e isso ia-se verificando ao longo das sessões, muitas dúvidas foram surgindo (e ainda bem) o que comprova que não se pode adormecer. As Instituições, as escolas, não podem continuar a contratar pessoal para educar as nossas crianças sem terem formação e perfil para este efeito. Se queremos adultos educados, então temos que começar por colocar à frente dos mais pequenos adultos capazes de educar.

As intervenientes conseguiram compreender as temáticas trabalhadas, demonstrando reflexos positivos no seu dia-a-dia com as crianças, com os pais, equipa pedagógica, aumentando a sua autoestima, confiança, melhorando o relacionamento interpessoal, foi notório o ganho que as participantes tiveram com este projeto.

Este projeto foi tão enriquecedor que ficou um compromisso de se fazer ao longo do tempo uma reciclagem do que foi transmitido, para não se adormecer e não ficar para trás um trabalho tão bom.

De salientar que a Instituição em causa abarcou este projeto com ânimo, não colocando barreiras o que é de louvar pois é sinal que aposta na formação dos seus recursos humanos, e têm a perceção que não só ganham os intervenientes da formação, mas sim todos quantos se relacionam com a Instituição e claro, principalmente, as crianças que fazem parte desta casa.

Com pais cada vez mais exigentes, mais informados, é urgente que as mentalidades de manter pessoal sem formação se comecem a extinguir. As participantes neste projeto tiveram um papel sempre ativo, abdicando da sua hora de almoço para aprenderem, algo de glorificar pois só demonstra que de facto agarraram este projeto com prazer e que gostam do que realmente fazem, sempre com o intuito de o fazer melhor. Foi notório que a participação foi sempre ativa terminando as sessões sempre com boa disposição, o que demonstrou que a intervenção com adultos tem de partir do princípio de que vamos aprender em comunhão, dando valor ao percurso de vida realçando as experiências que acarretam, numa forma de tornar o adulto interveniente de todo o processo de educação e formação.

5.2 Evidenciação do impacto do estágio a nível pessoal, institucional e de conhecimento na área de especialização.

Como já foi evidenciado ao longo do projeto e que muitos autores de referência mencionam, apostar na educação de adultos é o caminho para nos libertarmos. Como evidencia Freire (1975) "o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa" (p.97). Estas palavras tão sábias e atuais refletem em pleno o verdadeiro educador de adultos.

Todo o meu percurso académico me fez crescer não só em conhecimento, mas também conseguiu mudar a minha maneira de ser e de ver o outro. Acho que o trabalho que é feito pelos docentes ao longo de todo o percurso académico e que no fim com a passagem de intervenção no terreno dá-nos uma bagagem extraordinária.

O facto de termos oportunidade de intervir com as pessoas ajuda-nos a crescer. Nesta passagem, enquanto tive a oportunidade de dar formação, foi gratificante, consegui ter a perceção de que lidar com adultos partilhando conhecimentos o nosso crescimento é infinito, aprende-se tanto, vamos com uma certa bagagem de teoria e saímos com um malão de experiências vividas que nos dão alicerces para a vida.

Fiquei realizada com todo o processo, adorei esta experiência de dar formação, inicialmente achava que não me identificava com este tipo de intervenção, e enganei-me.

Foi importante ter a oportunidade de conciliar o conhecimento adquirido na universidade com a experiência no terreno. O facto de nos enviarem para o terreno ajuda no confronto com a

realidade com que nos podemos deparar. Apesar de estar no terreno não ser uma novidade, mesmo assim aprendi, com uma nova experiência a crescer enquanto pessoa.

Este projeto abriu-me uma porta para poder investir mais na área da formação, não me refiro à formação formal, mas uma intervenção mais informal, observando de perto as pessoas com quem lido diariamente e ajudarmo-nos mutuamente num trabalho de referência.

O impacto a nível institucional foi notório, sentiu-se uma melhoria na organização da Instituição, conseguiu-se alterar algumas rotinas institucionalizadas que mudou o funcionamento interno da Instituição. Toda a intervenção em prol de uma instituição é sempre benéfico e aqui está a prova de que quando todos caminham para o mesmo sentido as coisas resultam. Sentiu-se uma maior preocupação por parte das intervenientes de refletirem sobre as suas rotinas tentando fazer melhor.

De salientar que esta intervenção correu tão bem que vou continuar com outro projeto idêntico intervindo com outras funcionárias da Instituição. A direção da Instituição quer que faça o mesmo trabalho agora com as funcionárias da cozinha.

É gratificante quando vemos que conseguimos melhorar uma realidade existente.

No que concerne ao conhecimento na área de especialização, formação a adultos é uma aposta que tem ganho referência na nossa sociedade, o que se tem assistido é ainda muita formação no âmbito da formação profissional dotada de formação formal e escolarizada.

De evidenciar que as instituições, escolas, pais, investigadores deveriam ter uma maior preocupação em formar todos os que intervêm na educação das crianças. É um problema que persiste na nossa sociedade e é necessário desmistificar que a categoria de ajudante de ação educativa qualquer um(a) a faz.

Em suma, com este projeto, consegue-se verificar a importância e o impacto que a educação de adultos tem, o poder de conseguir alterar as realidades existentes.

Se, de um modo geral, todos ficarmos com este pensamento de Paulo Freire (s. d.) que alude: "é preciso plantar a semente da educação para colher os frutos da cidadania", verificamos a importância da educação desde os primeiros e tão importantes anos de vida.

BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA

Bibliografia referenciada

Alcoforado, L., Ferreira, J., Ferreira, A, Lima, M., Vieira, C. Oliveira, A., & Ferreira, S. (2011). *Educação e Formação de Adultos: Políticas, Práticas e Investigação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Almeida L., Mora C., & Monteiro E. (2001). *O auxiliar da ação educativa no contexto de uma escola em mudança*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Barros, R. (2013). *Educação de Adultos: conceitos, processos e marcos históricos da globalização ao contexto português*. Lisboa: Instituto Piaget, Coleção Horizontes Pedagógicos.

Canário, R. (1999). *Educação de Adultos: um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

Canário, R. & Cabrito, B. (Orgs.) (2008). *Educação e Formação de Adultos: mutações e convergências*. Lisboa: Educa.

Canário, R. (Org.) (1997). *Formação e Situações de Trabalho*. Porto: Porto Editora.

Contrato Coletivo entre a Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade – CNIS e a FNE – Federação Nacional da Educação e outros – Revisão global (2016). Boletim do Trabalho, nº 25.

Duarte, M. (2011). Formar. Enformar. Desenformar. In S. M. Leal, & S. N. Caldeira. (Orgs.), *Formação de Adultos: desafios, articulações e oportunidades em tempo de crise* (13-31). Açores: Nova Gráfica, Lda.

Estrela, A. & Nóvoa, A. (1992). *Avaliações em Educação: novas perspectivas*. Lisboa: Educa.

Figari, G. (1996). *Avaliar: que referencial?* Porto: Porto Editora.

Finger, M. (2008). A educação de Adultos e o Futuro da Sociedade. In R. Canário, & B. Cabrito. (Orgs.), *Educação e Formação de Adultos: mutações e convergências* (15-30). Lisboa: Educa.

Freire, P. (n.d.). *Educação como Prática da Liberdade*. Lisboa: Dinalivro, Lda.

Freire, P. (1997). *Política e Educação*. São Paulo: Cortez Editora.

Freire, P. (1975). *Pedagogia do Oprimido*. Porto: Afrontamento.

INSTITUTO PARA A QUALIDADE NA FORMAÇÃO, I.P. (2006). *Guia para a Avaliação da formação*. Lisboa.

Josso, M. (2008). Formação de Adultos: aprender a viver e a gerir as mudanças. In R. Canário, & B. Cabrito. (Orgs.), *Educação e Formação de Adultos: mutações e convergências* (116-125). Lisboa: Educa.

Ketele, J., & Roegiers, X. (1999). *Metodologia da Recolha de Dados, fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudos de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Leal, S. & Caldeira, S. (orgs.) (2011). *Formação de Adultos: desafios, articulações e oportunidades em tempo de crise*. Açores: Nova Gráfica, Lda.

Lessard-Hébert, M., Goyette, G. & Boutin G. (1990). *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Loureiro, I., Marques, A. & Vallgarda, H. (1983). *Círculos de Estudo: um método de trabalho em educação de adultos*. Braga: Universidade do Minho.

Malglaive, G. (1995). *Ensinar Adultos*. Porto: Porto Editora.

Martins, A. M. (2012). *Educação de Adultos e Formação dos seus Profissionais: contributos para reflexão*. (Tese de mestrado). Universidade do Minho, Braga.

Miranda, A. C. (2013). *Educação de Adultos para uma Educação para o Desenvolvimento: experiência de formação de voluntários*. (Tese de mestrado). Universidade do Minho, Braga.

Padral, L. & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Ação Social*. Porto: Areal Editores, Lda.

Pires, A. (2005). *Educação e Formação ao Longo da Vida: análise crítica dos sistemas e dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens e de competências*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Post, J. & Hohmann, J. (2011). *Educação de Bebés em Infantários: cuidados e primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Norbeck, J. (1981). *Formas e Métodos de Educação de Adultos*. Braga: Universidade do Minho.

Quintas, H., (2008). *Educação de Adultos: Vida no Currículo e Currículo na Vida*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação, I.P.

Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gravida-Publicações, Lda.

Ribeiro, C. F. (2012). *Auxiliares de Ação Educativa nas IPSS, Competências e Desempenho*. (Tese de mestrado). Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, Porto.

Silva, A. (2003). *Formação, Percursos e Identidades*. Coimbra: Quarteto Editora.

Silvestre, C. (2013). *Educação de Formação de Adultos e Idosos: Uma Nova Oportunidade*. Lisboa: Instituo Piaget, Coleção Horizontes Pedagógicos.

Vallgarda, H. & Norbeck, J. (1986). *Para Uma Pedagogia Participativa: o círculo de estudo e o guia de estudo*. Braga: Universidade do Minho.

Weffort, F. (n.d.). Educação e Política: reflexões sociológicas sobre uma pedagogia da liberdade. In P. Freire, *Educação como Prática da Liberdade* (3-26). Lisboa: Editora Paz e Terra, Lda.

Webgrafia referenciada

Bento, A. (2012). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? *Revista JA* (Associação Académica da Universidade da Madeira), nº 64, ano VII (pp. 40-43). ISSN: 1647-8975.
Disponível em: http:c://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Investigacaoqualequan.pdf, acedido em 25/11/2016.

Frases sobre educação.
Disponível em:
https://www.google.pt/search?rlz=1C1CAFB_enPT605PT614&biw=1366&bih=662&tbm=isch&q=frases+sobre+educa%C3%A7%C3%A3o&sa=X&ved=0ahUKEwja_Mbn7LWAhWrJ5oKHRIeAugQhyYILQ#imgrc=MS8jrnoJktj7UM, acedido em 19/09/2017.

APÊNDICES

Apêndice 1.- Inquérito por questionário levantamento de necessidades

Universidade do Minho
Instituto de Educação

2º Mestrado em Educação: Educação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano letivo: 2016/2017

Sexo: Masculino:_____ Feminino: _____

Idade: _____

Estado civil :_____

Meio em que vive: _____

Com quem vive: _____

Habilitações:_____

Experiências profissionais:

_____

_____

1.Com que frequência costuma frequentar ações de formação?

- Muitas ☐
- Algumas vezes ☐
- Raramente ☐
- Nunca ☐

2.O Centro Social e Paroquial já lhe proporcionou ações de formação?

Sim ☐

Não ☐

3.Tem interesse em frequentar ações de formação?

Sim	
Não	

4.Quais os possíveis motivos que levarão a frequentarem ações de formação?

	1	2	3	4	5
1. Valorização a nível pessoal					
2. Valorização a nível social					
3. Valorização a nível profissional					
4. Ajudar-me no dia-a-dia nas tarefas diárias do meu trabalho					
5. Aumentar a auto estima profissional					
6. Melhorar o relacionamento interpessoal					

Legenda: 1 menos importante ao 5 mais importante

5. Dentro das tarefas que desempenha na sua profissão quais as formações pretendidas?

Entrega e receção da criança	
Alimentação à criança	
Higiene à criança	
Vigia durante o descanso da criança	
Vigia durante as rotinas da criança	
Preparação de catres/berços	
Higienização dos brinquedos	
Transporte coletivo de crianças	
Outra1:	
Outra2:	

6. Qual a sua disponibilidade preferencial para frequentar a Formação Profissional?

1. Horário Laboral (durante o horário de trabalho)	
2. Pós-Laboral (após o horário de trabalho)	
3. Pós-Laboral (após o horário de trabalho, incluindo sábados)	
4. Não tem preferência	

Apêndice 2 – Inquérito por questionário avaliação continua (exemplo)

Universidade do Minho
Instituto de Educação

2º Mestrado em Educação: Educação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano letivo: 2016/2017

Ação de formação: **Rotinas das crianças**

Data: 18/01/2017

Nome:_____

1. Os conteúdos da ação de formação foram úteis ao exercício da sua função?

Muito	**Útil**	**Pouco**	**Inútil**

2. Em que medida aplicou os conhecimentos adquiridos no seu trabalho diário**?**

Totalmente aplicável	**Aplicável**	**Pouco aplicável**	**Não aplicável**

3.Considera que esta formação teve impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?

Bastante	**Algum**	**Pouco**	**Nenhum**

4. A ação foi útil para o seu desenvolvimento pessoal?

Muito	**Útil**	**Pouco**	**Inútil**

5. O método utilizado foi adequado?

Muito	**Adequado**	**Pouco**	**Não adequado**

Apêndice 3 – Apresentação dos Resultados do inquérito por questionário da avaliação continua.

Rotinas das Crianças

	Muito	Útil	Pouco	Inútil
Os conteúdos da ação de formação foram úteis ao exercício da sua função?	7	3	0	0
	Totalmente aplicável	Aplicável	Pouco aplicável	Não aplicável
Em que medida aplicou os conhecimentos adquiridos no seu trabalho diário?	6	4	0	0
	Bastante	Algum	Pouco	Nenhum
Considera que esta formação teve impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?	9	1	0	0
	Muito	Útil	Pouco	Inútil
A ação foi útil para o seu desenvolvimento pessoal?	8	2	0	0
	Muito	Adequado	Pouco	Não adequado
O método utilizado foi adequado?	8	2	0	0

Entrega e Receção das Crianças

	Muito	Útil	Pouco	Inútil
Os conteúdos da ação de formação foram úteis ao exercício da sua função?	10	0	0	0
	Totalmente aplicável	Aplicável	Pouco aplicável	Não aplicável
Em que medida aplicou os conhecimentos adquiridos no seu trabalho diário?	8	2	0	0
	Bastante	Algum	Pouco	Nenhum
Considera que esta formação teve impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?	10	0	0	0
	Muito	Útil	Pouco	Inútil
A ação foi útil para o seu desenvolvimento pessoal?	10	0	0	0
	Muito	Adequado	Pouco	Não adequado
O método utilizado foi adequado?	8	2	0	0

Auxílio da Alimentação da Crianças

	Muito	Útil	Pouco	Inútil
Os conteúdos da ação de formação foram úteis ao exercício da sua função?	9	1	0	0
	Totalmente aplicável	Aplicável	Pouco aplicável	Não aplicável
Em que medida aplicou os conhecimentos adquiridos no seu trabalho diário?	9	1	0	0
	Bastante	Algum	Pouco	Nenhum
Considera que esta formação teve impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?	10	0	0	0
	Muito	Útil	Pouco	Inútil
A ação foi útil para o seu desenvolvimento pessoal?	10	0	0	0
	Muito	Adequado	Pouco	Não adequado
O método utilizado foi adequado?	8	2	0	0

Higiene à Criança

	Muito	Útil	Pouco	Inútil
Os conteúdos da ação de formação foram úteis ao exercício da sua função?	10	0	0	0
	Totalmente aplicável	Aplicável	Pouco aplicável	Não aplicável
Em que medida aplicou os conhecimentos adquiridos no seu trabalho diário?	9	1	0	0
	Bastante	Algum	Pouco	Nenhum
Considera que esta formação teve impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?	10	0	0	0
	Muito	Útil	Pouco	Inútil
A ação foi útil para o seu desenvolvimento pessoal?	10	0	0	0
	Muito	Adequado	Pouco	Não adequado
O método utilizado foi adequado?	10	0	0	0

Vigilância durante o descanso

	Muito	Útil	Pouco	Inútil
Os conteúdos da ação de formação foram úteis ao exercício da sua função?	9	1	0	0
	Totalmente aplicável	Aplicável	Pouco aplicável	Não aplicável
Em que medida aplicou os conhecimentos adquiridos no seu trabalho diário?	7	3	0	0
	Bastante	Algum	Pouco	Nenhum
Considera que esta formação teve impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?	9	1	0	0
	Muito	Útil	Pouco	Inútil
A ação foi útil para o seu desenvolvimento pessoal?	10	0	0	0
	Muito	Adequado	Pouco	Não adequado
O método utilizado foi adequado?	9	1	0	0

Preparação de catres/berço

O Tempo exterior

	Muito	Útil	Pouco	Inútil
Os conteúdos da ação de formação foram úteis ao exercício da sua função?	8	2	0	0
	Totalmente aplicável	Aplicável	Pouco aplicável	Não aplicável
Em que medida aplicou os conhecimentos adquiridos no seu trabalho diário?	8	2	0	0
	Bastante	Algum	Pouco	Nenhum
Considera que esta formação teve impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?	8	2	0	0
	Muito	Útil	Pouco	Inútil
A ação foi útil para o seu desenvolvimento pessoal?	9	1	0	0
	Muito	Adequado	Pouco	Não adequado
O método utilizado foi adequado?	9	1	0	0

Apêndice 4 – Inquérito por questionário da avaliação final

Universidade do Minho
Instituto de Educação

2º Mestrado em Educação: Educação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano letivo: 2016/2017

Questionário de Avaliação Final

1. **Os conhecimentos adquiridos refletiram-se numa melhoria do seu desempenho**?

Sim ☐ Não ☐

Se sim, o que mudou nas suas práticas do dia a dia?

2. Conseguiu ter a perceção da importância das suas tarefas diárias no desenvolvimento da criança?

Sim ☐ Não ☐

Justifique:

3.Considera que estas formações têm impacto ao nível do seu desempenho em Equipa ou no contexto da Organização?

4. O método utilizado para a realização das formações, foi adequado?

4.1. Se sim, justifique:

5. Acha que poderiam ser utilizados outros meios para aumentar o interesse e a eficácia da formação?

Data: _____/_____/_____

Agradeço a colaboração!

Apêndice 5 - Inquérito por questionário às Educadoras de Infância

Universidade do Minho
Instituto de Educação

2º Mestrado em Educação: Educação de Adultos e Intervenção Comunitária
Ano letivo: 2016/2017

1. Acha que as formações se refletiram numa melhoria do desempenho das Ajudantes de Ação Educativa (AAE)? Sim ☐ ☐

Justifique:

2. Sentiu alterações significativas na relação criança/adulto? Sim ☐ Não ☐

2.1. Se sim, quais?

3. Sentiu que o desempenho em Equipa ou no contexto da Organização mudou?

Data: _____/_____/_____

Agradeço a colaboração!